

Jornal da Unicamp

LITERATURA

Bosi fala de novos autores e de Rosa

Página 6

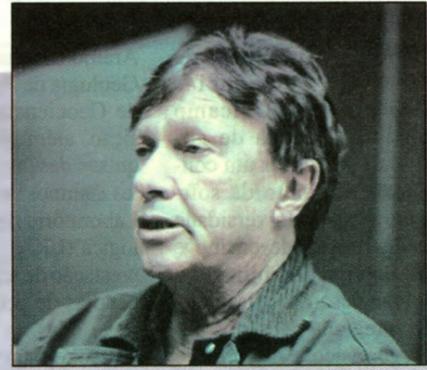


O ensaísta Anfredo Bosi

TROPICALIA

Uma visão do tropicalismo 30 anos depois

Página 7



O produtor de TV Fernando Faro

Novos cursos elevam vagas noturnas a 32,82%



Laboratório no Instituto de Geociências, unidade que sediará o curso de ciências da terra

Com a aprovação de quatro novos cursos de graduação para 1988 — ciências da terra, engenharia de controle e automação, química tecnológica e ciências econômicas noturno — e do curso de arquitetura e urbanismo para o ano seguinte, a Unicamp alcançará em 1999 o patamar de 2.270 vagas anuais em seu vestibular, 32,82% das quais no período noturno.

Os novos cursos serão ministrados respectivamente no Instituto de Geociências, Faculdade de Engenharia Mecânica, Instituto de Química e Instituto de Economia. Além das 160 novas vagas representadas pelos novos cursos,

o Conselho Universitário da Unicamp aprovou também, em reunião anterior, o acréscimo de mais 10 vagas para o curso de Ciências Médicas.

Com isso a Universidade se torna a primeira universidade pública paulista a aproximar-se do cumprimento do dispositivo constitucional que determina que um terço das vagas de graduação seja oferecido à noite. A meta de 33,3%, segundo o reitor José Martins Filho, deverá ser alcançada mediante a introdução de novos cursos ou o acréscimo de frações de percentual de vagas nos cursos já existentes. **Página 3.**

PETRÓLEO

Unicamp no epicentro da nova política energética

Ela vai ajudar a estruturar a Agência Nacional do Petróleo

A criação da Agência Nacional do Petróleo (ANP), através de lei sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, coloca a Unicamp no epicentro da política energética brasileira. Convênio a ser assinado pelo reitor José Martins Filho com o Ministério das Minas e Energia, ainda este mês, em Brasília, estabelecerá a participação da Unicamp na estruturação do órgão regulador do setor petrolífero no que se refere à normatização, contratação e fiscalização das atividades desse setor. As atribuições da ANP vão desde a pesquisa para a identificação de depósitos de óleo e gás até a venda de derivados ou de álcool combustível em posto revendedor.

O fim do monopólio do setor no ano passado transformou a Petrobrás, a exemplo das demais companhias de petróleo, num elemento do jogo arbitrado pelo governo federal. Por serem partes interessadas no mercado petrolífero as empresas não poderão se envolver na formulação das estratégias de ação do setor. Assim o governo federal buscou os centros de excelência de universidades públicas para que auxiliem. A Unicamp estará à frente em quatro tarefas: na modelagem da ANP, na regulação de suas atividades, no treinamento de pessoal e na análise de dados tanto dos campos petrolíferos em produção e em desenvolvimento no país.

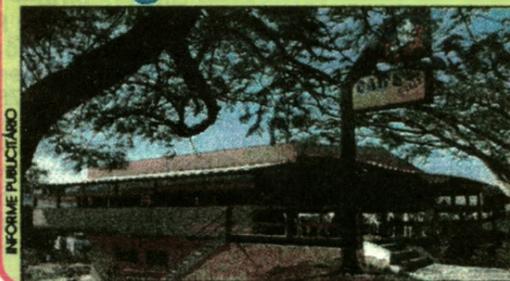
Há dez anos ministrando o único curso brasileiro de pós-graduação em engenharia do petróleo — através do Centro de Estu-

dos do Petróleo (Cepetro), da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) e do Instituto de Geociências (IG) — a Unicamp foi convidada a participar da elaboração desses trabalhos, juntamente com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), que ministra um curso de geofísica. Segundo o executor do convênio pela Unicamp, professor Osvaldo Trevisan (Cepetro/FEM), a Universidade colabora ainda com o trabalho de pesquisadores do Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia, ligado ao Instituto de Economia, que desenvolve atividades voltadas à compreensão dos principais desafios competitivos da indústria brasileira. Também participam especialistas em política de recursos minerais do IG. **(C.P.) Leia mais sobre petróleo na página 4**



Aspecto do laboratório de engenharia do petróleo, na FEM

Inaugurada a Cab's Grill



No Campus, a moderna casa de alimentação que oferece café da manhã, almoço e lanches. Padaria e confeitaria são próprias. **Página 5.**

PESQUISA

IG integra interpretação de dados

Instituto de Geociências é o primeiro a agregar informações geológicas, geofísicas e de perfis de petróleo

O Instituto de Geociências da Unicamp acaba de adquirir um conjunto de softwares que torna a Universidade a única instituição de ensino e pesquisa do Brasil habilitada a desenvolver pesquisas de interpretação integrada de dados geológicos, geofísicos e de perfis de poços de petróleo. A aquisição desses produtos, desenvolvidos pela empresa norte-americana Landmark Graphics Corporation, teve um custo de mais de US\$ 100 mil, financiados pela Fapesp e por convênio com a Petrobrás.

Segundo o professor Ivan de

Araújo Simões Filho, da área de Geologia de Petróleo do Instituto de Geociências (IG), essa aquisição, além de auxiliar nas pesquisas desenvolvidas por docentes e alunos de pós-graduação no Laboratório de Informática Geológica (LIG), permite também a prestação de serviços para as companhias de petróleo que deverão se instalar no Brasil com o fim do monopólio de petróleo e para a futura Agência Nacional de Petróleo (ANP). Essa Agência, cuja criação está prevista na nova lei de petróleo, recém aprovada pelo Congresso Nacional, é o órgão que vai regulamentar toda a atividade da indústria de petróleo em território nacional.

A aquisição do novo equipa-

mento torna o laboratório da Unicamp ainda mais eficaz para a interpretação integrada de dados geológicos, geofísicos e de perfis de poços de petróleo. Essa interpretação é indispensável para a localização de reservatórios de petróleo, bem como a sua caracterização e delimitação de extensão, espessura e dimensões. O grupo de pesquisa envolvido congrega profissionais de diversas áreas, como geólogos, geofísicos e engenheiros de diversas universidades brasileiras e do exterior, além de pesquisadores da Petrobrás, ressalta Armando Zaupa Remacre, professor de geoestatística do IG. A integração desses profissionais permite uma descrição mais pre-

cisa dos reservatórios de petróleo, que leva em consideração todos os dados disponíveis sobre os reservatórios. Essa sinergia permite uma otimização dos pesados investimentos necessários à extração do petróleo. "Essa integração é uma tendência mundial. Por esse motivo, nossa linha de pesquisa é tão bem adaptada às necessidades da indústria de petróleo e a aquisição desse conjunto de softwares que vem reforçar as capacidades do grupo", explica Remacre.

Primeiro mundo — Em virtude dos convênios entre a Unicamp e a Petrobrás, firmados desde 1988, a Universidade se destacou no mercado, com uma estrutura que permite o desenvolvimento de ensino e pesquisa em nível de ponta na área de petróleo. "Isso pode ser observado sob vários aspectos, como por exemplo a infra-estrutura e qualidade de seus laboratórios, pelo número e prazo de elaboração das teses de mestrado e doutorado, além da boa colocação no mercado de trabalho dos profissionais formados", diz Remacre.

Segundo Ivan, a aquisição desses softwares vem no momento oportuno, quando o país passa por um processo de flexibilização do monopólio de

petróleo. Isto é, toda empresa pode se candidatar para disputar uma fatia do mercado nas diversas áreas da indústria de petróleo, como a construção de refinarias e dutos, exploração e produção de petróleo, seja individualmente ou em parceria com outras empresas ou com a própria Petrobrás. Antes desse processo de flexibilização, a estatal era a única empresa a atuar em todo o setor de petróleo. Outras empresas só podiam atuar nas áreas de petroquímica e distribuição de derivados de petróleo. Com a nova regulamentação as empresas, nacionais ou estrangeiras, que apresentarem condições técnicas e financeiras, receberão do governo, através da ANP, concessões para atuar em toda a cadeia da indústria de petróleo.

De posse desse conjunto de softwares que a Unicamp acaba de adquirir, ampliam-se cada vez mais as possibilidades de atrair projetos de pesquisa e prestação de serviços junto às empresas. "Na medida em que se tem um laboratório bem estruturado, com os mais avançados hardwares e softwares e com pesquisadores competentes, o Instituto de Geociências tem boas oportunidades de trabalhar em parceria com empresas", observa Remacre. (A.R.F.)

O BANESPA TAMBÉM CUIDA DA SUA SAÚDE.

Através do Seguro Saúde Banespa, você tem à disposição uma ampla rede credenciada, composta pelos melhores hospitais, laboratórios, clínicas e médicos.

Em caso de livre escolha, há reembolso de despesas dentro dos limites do plano contratado.

E você não precisa se preocupar com as mensalidades.

O débito é efetuado automaticamente em sua conta corrente.

Além disso, estudamos a compra ou redução de carências já cumpridas em outro plano de saúde.

Informe-se na sua agência e mude para o Seguro Saúde Banespa.

Afinal, com saúde, a vida é bem melhor.

ANÚNCIO PERMUTA PELO PATROCÍNIO DAS ATIVIDADES COMEMORATIVAS DOS 30 ANOS DA UNICAMP.

Seguro
Saúde banespa

A
N
U
N
C
I
E

7
8
8
7
8
6
5



Remacre e Ivan: descrição precisa dos reservatórios

Galeria Flamboyant

O Centro de compras de Barão Geraldo!

Lembre-se: 10 de Agosto é o Dia dos Pais.

VENHA CONFERIR NOSSAS OFERTAS

cd's - esotéricos - esportivos - importados - confeções - café
papelaria - perfumes - turismo - seguros. **À SUA ESCOLHA!**
AV. Albino J.B. de Oliveira, 830 - BARÃO GERALDO

UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

Reitor — José Martins Filho. **Vice-reitor** — André Maria Pompeu Villalobos. **Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários** — Archimedes Perez Filho. **Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário** — José Tadeu Jorge. **Pró-reitor de Pesquisa** — Carlos Henrique de Brito Cruz. **Pró-reitor de Graduação** — José Tomaz Vieira Pereira. **Pró-reitor de Pós-Graduação** — Carlos Alfredo Joly.

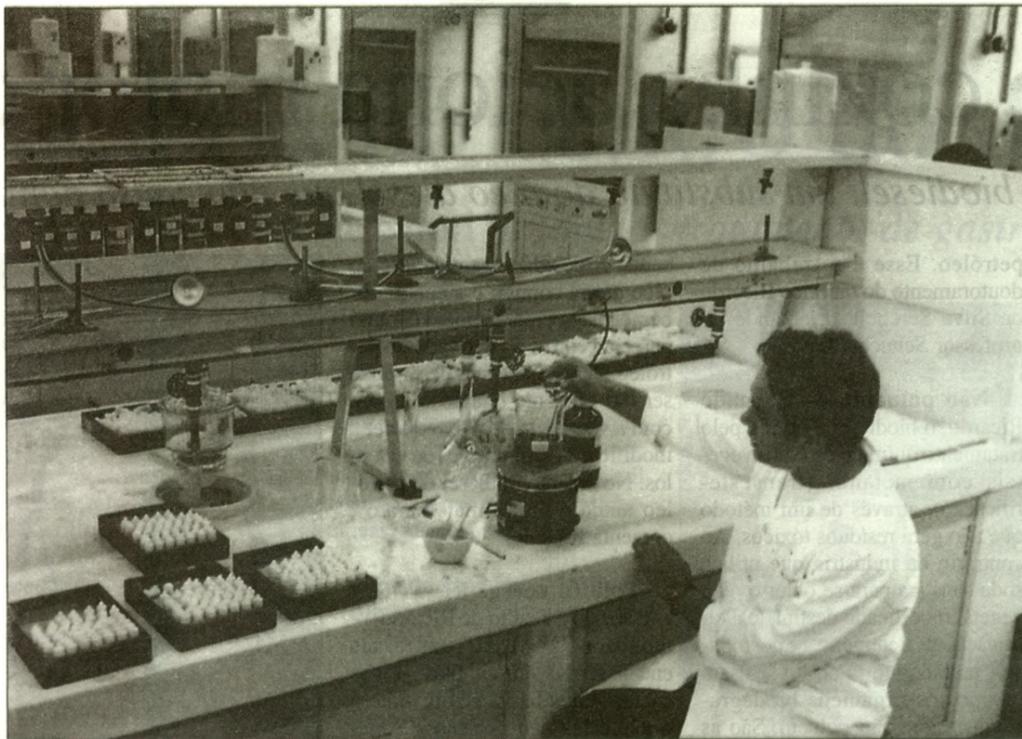
Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (019) 788-7865, 788-7183, 788-8404. Fax (019) 239-3848. **Home-page** — <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** — imprensa@cesar.unicamp.br. **Editor** — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). **Subeditor** — Roberto Costa (MTb 13.751). **Redatores** — Amarildo Carnicel (MTb 15.519), Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglion (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônia Platano Peinado (MTb 16.413) e Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473). — Paulo César do Nascimento (MTb 14.812) e Maristela Tesseroli Sano (MTb 22.135), colaboradores. **Fotografia** — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). **Projeto Gráfico** — Amarildo Carnicel. **Ilustração** — Oséas de Magalhães. **Diagramação** — Roberto Costa e Dário Mendes Crispim. **Editoração Eletrônica** — Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** — Clara Eli de Mello, Dulcinéia Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida e Sônia Regina T.T. Pais. **Fotolito e Impressão**: Imprensa Oficial.

O Conselho Universitário (Consu) da Unicamp acertou, em reunião do dia 15 de julho último, a proposta do reitor José Martins Filho e aprovou quatro novos cursos de graduação para o ano letivo de 1998: ciências da terra, química tecnológica, ciências econômicas e engenharia de controle e automação. Os novos cursos representarão um acréscimo de 130 novas vagas no próximo vestibular da Universidade. Na mesma sessão, o Conselho da Unicamp aprovou também a implantação em 1999 do curso de arquitetura e urbanismo, a funcionar no período noturno, com 30 vagas.

Dos quatro cursos introduzidos, dois constarão pela primeira vez do catálogo de graduação da Unicamp: ciências da terra (60 vagas, sendo metade no período diurno e metade no noturno) e engenharia de controle e automação (40 vagas noturnas). Os dois outros — ciências econômicas e bacharelado em química tecnológica —, com 30 vagas cada, são versões noturnas de cursos já tradicionais no período diurno. Somam-se a essas vagas um acréscimo de 10 outras já aprovado anteriormente para o curso de ciências médicas — o que elevaria a 170 o número de novas vagas — mas deve-se considerar que 40 das vagas introduzidas agora são fruto de remanejamento do período diurno para o noturno no âmbito da Faculdade de Engenharia Mecânica em função do curso de controle e automação.

Com a aprovação dos quatro novos cursos, a Unicamp chegará em 1998 ao patamar de 2.240 vagas anuais e de 2.270 em 1999, passando a ser então uma das universidades públicas mais próximas de cumprir o dispositivo constitucional que determina que um terço das vagas de graduação seja oferecido no período no-



Técnico trabalha em laboratório do Instituto de Química: apoio ao novo curso

GRADUAÇÃO

Consu aprova quatro novos cursos para 98

Percentual de vagas noturnas na Universidade já se aproxima da exigência constitucional

turno. Com efeito, a Unicamp terá chegado à proporção de 32,82% de vagas noturnas (aproximadamente 32% em 1988). A meta de 33,33%, segundo o reitor, deverá ser alcançada com o acréscimo de pequenos percentuais de vagas nos cursos já existentes ou com a introdução de novos cursos noturnos.

Ciências econômicas — O curso noturno de ciências econômicas poderá ser integralizado em dez semestres. Ministrado numa unidade hoje reconhecida como uma escola de pensamento — o Instituto

de Economia — devido ao tratamento que dispensa a questões econômicas emergentes, o curso forma profissionais aptos a atuar nas áreas de planejamento econômico, financeiro e administrativo, a pesquisar e analisar o mercado e preços, renda nacional, conjuntura econômica, desenvolvimento econômico, custo de vida e salários.

Ciências da terra — Compreende 15 vagas diurnas em geologia, 15 vagas diurnas no bacharelado em geografia e outras 30 vagas noturnas para licenciatura em

geografia. O objetivo do curso é formar profissionais que contribuam de forma crítica e criativa para o desenvolvimento econômico e social do país. Os geólogos lidam com trabalhos topográficos e geodésicos, fazem levantamentos geológicos, geoquímicos e geofísicos, realizam prospecção e pesquisa para avaliação de jazidas minerais e determinam seu valor econômico, entre outras atividades. O geógrafo, por outro lado, é responsável pela delimitação e caracterização de regiões, interpreta as condições hidrográficas de bacias fluviais, faz a caracterização eco-

lógica e etnológica da paisagem geográfica e atua na política de povoamento, por exemplo. Será ministrado no Instituto de Geociências.

Controle e automação — A ser ministrado no período noturno, este curso visa à formação de profissionais para atuar na concepção, projeto, operação e manutenção de sistemas automatizados de unidades fabris. É um curso que se insere nas novas necessidades do setor industrial brasileiro em sua busca por maior produtividade, melhor qualidade, maior flexibilidade das plantas industriais e redução de custos de produção. Formará engenheiros capacitados a implantar, operar e manter unidades automatizadas, podendo também atuar no projeto, fabricação e adequação de equipamentos envolvendo engenharia de software e de hardware. Será ministrado na Faculdade de Engenharia Mecânica.

Química tecnológica — Voltado para atender às necessidades da indústria química moderna, esse curso noturno de bacharelado com atribuições tecnológicas pode ser integralizado em 10 semestres e oferecerá em sua grade curricular disciplinas que não estão presentes no curso diurno, mas que poderão servir como base para alterações curriculares futuras. Irá formar profissionais voltados à produção e a tratamentos prévios e complementares de produtos químicos e resíduos para atuarem na operação, manutenção e controle de equipamentos, em instalações e processos industriais, em estudos técnico e técnico-econômicos, pesquisas, desenvolvimento e execução de operações, de processos e processos na indústria química. O profissional poderá ainda atuar como professor universitário. Será ministrado no Instituto de Química. (C.P.)

PESQUISA

Livro ganha edição internacional

Primeiro título de autor brasileiro sobre sistemas de controles é lançado pela Academic Press

Editora de repercussão internacional, a Academic Press acaba de lançar em diferentes países o primeiro livro de autor brasileiro na área de sistemas de controles. Trata-se da obra *Control Theory and Design*, do professor José Cláudio Geromel, da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp, que em 1994, pelo conjunto de seus trabalhos, recebeu da Universidade a bolsa de reconhecimento acadêmico professor "Zeferino Vaz".

A obra foi escrita juntamente com os professores Patrizio Colaneri e Arturo Locatelli, especialistas em teoria de controle no Instituto Politécnico de Milão, Itália. Geromel comenta que no decorrer de 1986, ao lado de Colaneri e Locatelli, participou de trabalhos

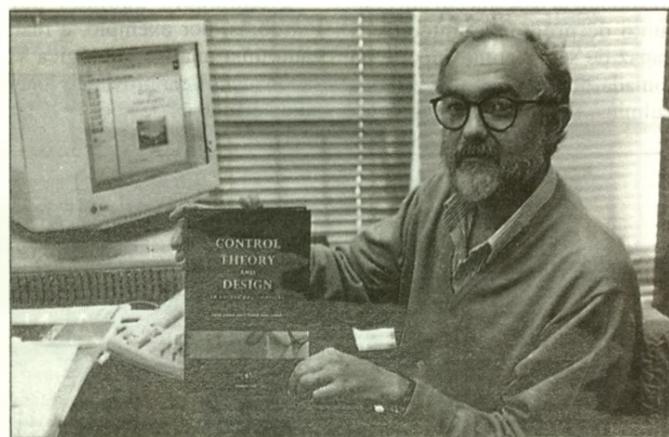
como professor convidado no Instituto Politécnico de Milão. Os três resolveram então iniciar a empreitada de preencher uma lacuna que existia na literatura da área.

Somaram esforços e agora têm publicada uma coletânea de pesquisas realizadas na Unicamp e no Instituto Politécnico de Milão e que coloca, num único contexto, técnicas recentes de controle de sistemas dinâmicos para alunos de graduação e de pós-graduação em engenharia elétrica. O conteúdo do livro permite o tratamento, através de modelos matemáticos, de incertezas que podem ocorrer na implementação de projetos de sistemas de controle, explica Geromel.

Com 378 páginas divididas em nove capítulos, o livro contou, durante sua preparação, com suporte financeiro que recebeu da

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) através do projeto temático "Análise convexa de sistemas dinâmicos" e também do Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica (CNPq). O livro pode ser adquirido pela Internet, na qual também é possível consultar as referências da obra. O endereço é <http://www.apnet.com>. Os pedidos podem ser feitos pelo ISBN 0-12-179190-4. A obra custa US\$ 65.

O autor — Chefe do Departamento de Telemática da FEEC, Geromel é engenheiro eletricista pela Unicamp (1975), onde também obteve o título de mestre em julho de 1976 na área de automação, sob orientação do professor Yaro Burian Júnior. É doutor de estado em ciências (1979)



Geromel e o livro recém-editado: lacuna preenchida

pela Universidade de Toulouse, França. Autor de 50 artigos publicados em periódicos internacionais arbitrados, Geromel tem mais de 120 artigos em publicações cientí-

ficas e 50 participações em eventos no Brasil e no exterior. Orientou até agora 11 alunos de mestrado e seis de doutorado. (C.P.)

ENERGIA

Óleo de cozinha aciona motor de carro

É o biodiesel, um substituto do óleo diesel que não causa poluição

De girassol, milho ou soja, o óleo de cozinha usado no preparo de frituras e outros alimentos também movimentam veículos a diesel. A comprovação técnica vem do Laboratório Phoenix do Instituto de Química (IQ) da Unicamp, onde há 20 anos são desenvolvidas pesquisas sobre combustíveis alternativos. Embora seja biodegradável e não cause impacto ambiental, sua viabilidade econômica esbarra em mudanças da política energética, comenta o químico Ulf Schuchardt, professor do Departamento de Química Inorgânica do IQ.

Foi nas bancadas do Laboratório Phoenix, vinculado ao Departamento de Química Inorgânica, que há alguns anos se extraiu etanol de bagaço de cana-de-açúcar e não do açúcar, como é feito na indústria. Lá também ficou comprovado que resíduos da indústria de papel se transformam em óleo combustível e, mais recentemente, que os óleos vegetais modificados substituem o diesel de

petróleo. Esse é o trabalho de doutoramento do químico Ricardo da Silva Sercheli, orientando do professor Schuchardt.

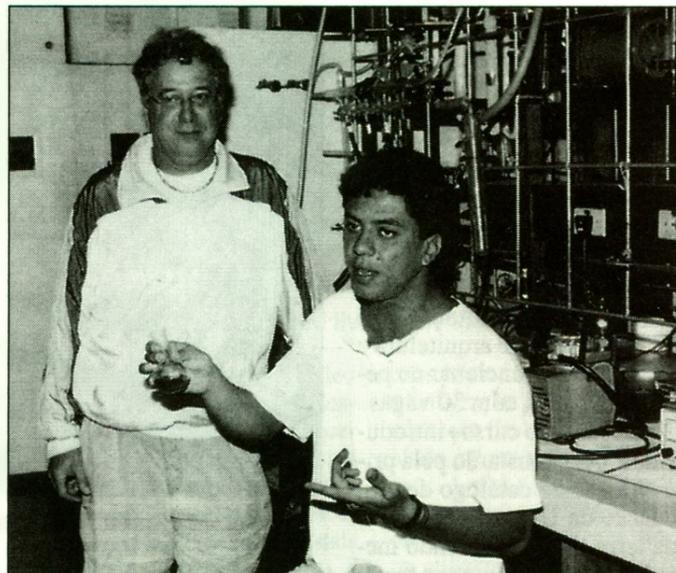
Não poluente — Segundo Ricardo, o biodiesel é obtido pelo tratamento químico de óleos vegetais com metanol (transesterificação), através de um método que não gera resíduos tóxicos. Ao contrário da indústria que utiliza soda cáustica para se obter o óleo vegetal modificado destinado à fabricação de detergentes e cosméticos, no laboratório do IQ se usam compostos orgânicos biodegradáveis e que não poluem. São as chamadas guanidinas, presentes em aminoácidos como a arginina. "Já temos duas patentes e por esse processo recebemos em 1983, do Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica (CNPq), o prêmio Jovem Cientista, com o trabalho de nosso ex-aluno Oswaldo Cândido Lopes", recorda-se o professor Schuchardt.

Além deste novo processo não causar impacto ambiental, entre outras vantagens o biodiesel apre-

senta viscosidade semelhante ao óleo diesel comum e a energia liberada na queima também é muito parecida com a do derivado do petróleo. "Ou seja, o biodiesel pode ser tão eficiente quanto o diesel, com a vantagem de não requerer a modificação dos motores de veículos. No entanto, o diesel de petróleo ainda é muito mais barato", comenta Ricardo.

Política energética — Orientador do trabalho de Ricardo — intitulado "Alquilguanidinas encapsuladas em zeólitas: novos catalisadores básicos para síntese orgânica" —, o professor Schuchardt avalia por que o biodiesel é tecnicamente viável, porém economicamente inviável. "Para sair do laboratório, o produto depende da indústria. A princípio o processo industrial já pode ser feito, mas o produto esbarra no aspecto comercial", comenta o professor, lembrando que "a questão dos preços está enraizada na política energética".

Apesar de sua importância para o meio ambiente, se o



Schuchardt e Ricardo: sem resíduos tóxicos

biodiesel fosse comercializado hoje seria um combustível mais caro que o diesel derivado de petróleo. Em valores atuais, de acordo com Schuchardt, o barril de petróleo custa hoje cerca de US\$ 20. São 159 litros ao custo aproximado de 15 cents. Já o

barril do álcool chega a US\$ 50 ou em torno de 30 cents o litro para o comerciante, enquanto o biodiesel sairia a US\$ 60 o barril, com o litro sendo vendido pelo produtor a 40 cents, porém chegando ao consumidor com o preço bem mais elevado. (C.P.)

PETRÓLEO

Cenário muda para projetos de risco

Geofísico desenvolve tese sobre tomadas de decisão após quebra do monopólio

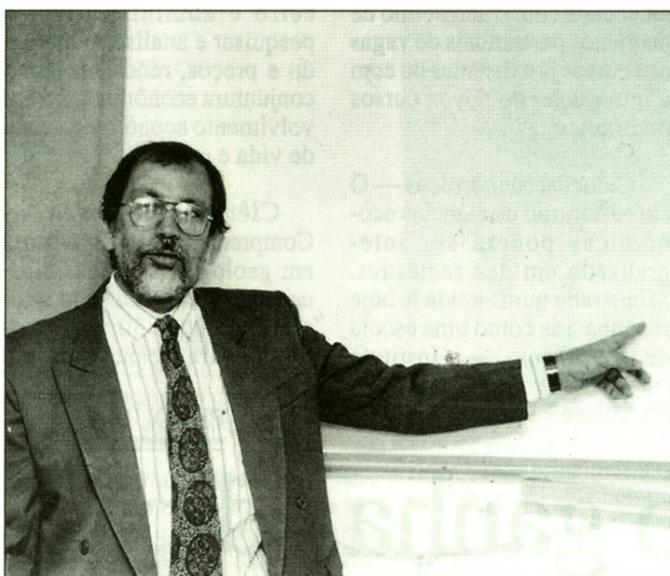
Com as recentes mudanças no setor petrolífero — quebra do monopólio da Petrobrás e a criação da Agência Nacional de Petróleo (ANP) — o país inicia uma nova fase de competitividade no campo da exploração do petróleo brasileiro. Estima-se para a área um investimento de US\$ 1,2 bilhões ao ano. Diante desse quadro muitas questões se colocam para as empresas interessadas. Por exemplo, que decisão tomar quando se trata de alocar capital para uma bacia sedimentar, ou qual o nível de participação financeira ideal num projeto realizado em parceria.

Para responder a estas questões o geofísico Francisco Nepomuceno Filho, da Petrobrás, buscou desenvolver uma metodologia baseada em um conjunto de programas interativos capaz de servir como suporte na tomada de decisões. Os estudos culminaram no trabalho de dou-

torado "Tomada de decisão em projetos de risco na exploração de petróleo", apresentado no último dia 29 de julho. A tese, defendida junto ao Instituto de Geociências, foi orientada pelo professor Saul Barisnik Suslick, do Departamento de Administração e Política de Recursos Minerais.

Metodologia — O Brasil possui 29 bacias e aproximadamente 700 blocos disponíveis para exploração se considerarmos blocos com dez mil quilômetros quadrados. O quanto alocar em cada bacia, segundo Nepomuceno, depende do tamanho dos campos de petróleo, do custo dos investimentos para a perfuração dos poços e do índice de sucesso que poderá ser alcançado. Justamente neste item é que entra o trabalho do geofísico.

No modelo adotado pela Petrobrás, por exemplo, é realizada uma análise geológica visando identificar prováveis locais para perfuração de poços e deter-



Nepomuceno: avaliação econômica e análise de risco

minar o risco do projeto. Em paralelo, outro grupo trabalha na avaliação econômica com o fim de determinar o retorno ou valor monetário esperado (VME). E só então a decisão é tomada com

base neste valor.

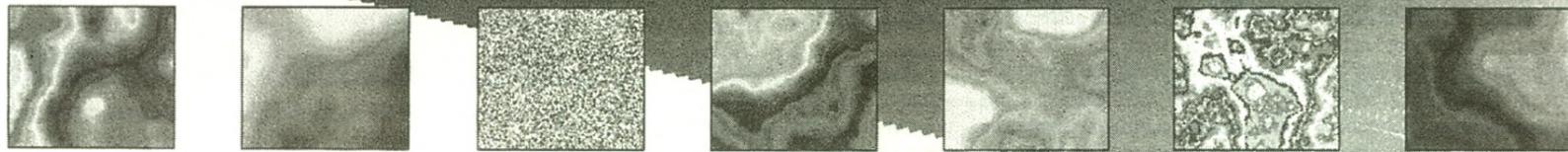
Em sua tese, o pesquisador define uma metodologia com múltiplos objetivos baseada na "teoria da preferência". Além de incorporar a avaliação econômi-

ca no processo decisório, realiza também uma análise de risco, englobando os aspectos político, tecnológico, ambiental, financeiro e o risco do negócio. "Isto é necessário para que se tenha um controle mais detalhado dentro do processo decisório" explica. Nos métodos tradicionais de alocação de capital, como o caso do VME, freqüentemente conduzem a escolhas não apropriadas de investimentos que apresentam diferentes riscos.

Um dos pontos críticos na aplicação da metodologia consiste na identificação do coeficiente de aversão ao risco do tomador de decisões. Nesta etapa do trabalho, Nepomuceno tabalhou pelo menos com quatro métodos para melhor definir o coeficiente. São eles: valor de venda do projeto, nível de participação desejada pelo tomador de decisão, análise de decisões passadas e o nível internacional de um quarto do capital adotado pelas grandes companhias de petróleo. (R.C.S.)

Marmoraria Brulina

A NATUREZA FAZ MELHOR



Tudo em granito, mármore e ardósia para mesas, pias, colunatas.

Traga a sua idéia de decoração e consulte a Marmoraria Brulina.
Fone (019) 239-5247. Av. Albino J. B. Oliveira 2.460 - B. Geraldo

Uma bactéria no centro do debate

Descoberta em 1983, *Helicobacter pylori* faz mudar tratamento de gastrite e úlcera

Especialistas em gastroenterologia de todo o Brasil, reunidos no *Seminário brasileiro para estudo da bactéria *Helicobacter pylori**, promovido pelo Gastrocentro da Unicamp nos dias 6 e 7 de junho, definiram duas terapias para auxiliar a erradicação dessa bactéria, responsável por 100% dos casos de gastrite e 95% das úlceras de estômago e duodeno. Em breve, os tratamentos estarão sendo divulgados para toda a classe médica brasileira.

Segundo o coordenador das pesquisas no Gastrocentro da Unicamp, Antonio Frederico de Magalhães, além do tratamento adotado nos países europeus, os especialistas pretendem divulgar no Brasil um esquema terapêutico, testado com sucesso pela Unicamp e por uma equipe de gastroenterologistas de Belo Horizonte (MG), em que medicamentos à base de Metronidazol são substituídos por outros à base de Furazolidona.

Pelo esquema da Unicamp, o tratamento de úlceras e gastrites é feito a partir da associação de Bismuto com Furazolidona e Tetraciclina durante uma semana. Na Europa, o tratamento é realizado também durante sete dias, associando-se um inibidor de acidez a dois antibióticos que têm o Metronidazol como princípio ativo.

Para Frederico de Magalhães, o esquema proposto pela Unicamp deve ser uma alternativa para contornar problemas constatados por especialistas brasileiros em relação ao tratamen-

to indicado na Europa. "O sucesso dos medicamentos à base de Metronidazol, usados na Inglaterra, Holanda e França para erradicar a bactéria causadora de úlceras e gastrites, nem sempre se repete no Brasil. Uma das hipóteses levantadas pela comunidade científica é a de que o uso indiscriminado desses medicamentos, receitados com frequência pela classe médica brasileira para tratamento de giardíase e amebíase, tenha feito com que a *Helicobacter pylori* criasse resistência ao Metronidazol", adverte o gastroenterologista.

Eficácia garantida — Os dois esquemas terapêuticos divulgados no seminário apresentam 90% de resultados satisfatórios na erradicação da *Helicobacter pylori*. "Devemos ressaltar que o tratamento proposto pela Unicamp é três vezes mais barato que o esquema adotado na Europa. No entanto, 20% dos pacientes submetidos a ele apresentaram efeitos colaterais como dores de cabeça e náusea", ressalta Frederico de Magalhães.

Portanto, como qualquer outro tratamento, as condições de cada paciente devem ser avaliadas por um especialista antes que se opte por um ou por outro esquema. Frederico de Magalhães lembra que, durante o seminário, os resultados obtidos pelos dois tipos de tratamento foram considerados satisfatórios e tiveram o apoio do **Núcleo Brasileiro para o Estudo do *Helicobacter pylori***, entidade fundada há quatro anos que reúne especialistas de todo o Brasil.

O presidente do Núcleo, professor Schlioma Zaterka, inte-

grante da equipe de pesquisadores da USP, acaba de ser contratado pela Unicamp e passará a integrar o grupo do Gastrocentro, considerado pela comunidade médica como o centro mais bem equipado do Brasil para o desenvolvimento de pesquisas gastroenterológicas.

Estudo nacional — Além de divulgar entre a classe médica brasileira os dois esquemas terapêuticos, os especialistas decidiram realizar um estudo nacional com o objetivo de constatar a prevalência da infecção pela bactéria *Helicobacter pylori* na população brasileira. O Gastrocentro, da Unicamp, foi escolhido como sede para os testes e diagnósticos.

Frederico de Magalhães explica que o estudo será realizado em todas as regiões do país e, com os resultados em mãos, os pesquisadores pretendem alertar as autoridades de Saúde Pública para a realidade do país (*ver quadro*). Como a proliferação da bactéria está associada a condições sanitárias precárias, os médicos acreditam que nas regiões menos desenvolvidas do Brasil, há maiores chances de prevalência da bactéria na população. (M.T.S.)



Frederico de Magalhães: estudo em diferentes regiões do país

Estudante fez a descoberta

A *Helicobacter pylori* foi descoberta em 1983, na Austrália, por um médico patologista e um estudante de Medicina. Até então, gastroenterologistas de todo o mundo acreditavam que a inflamação da mucosa do estômago era provocada por má alimentação e distúrbios emocionais.

Quando o estudante de Medicina publicou o trabalho comprovando a existência da bactéria na grande maioria dos pacientes com úlcera de estômago e duodeno, vários outros centros de pesquisa mundiais começaram a buscar tratamentos para inibir a ação da bactéria.

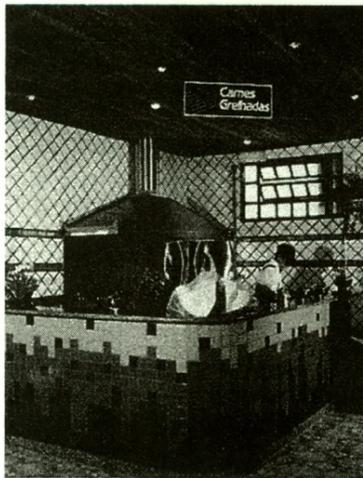
No Brasil, os estudos começaram em 1987. Atualmente, três grupos de pesquisa trabalham nessa área: um em Belo Horizonte, outro em Campinas, na Unicamp e um terceiro em São Paulo, na USP. Segundo Frederico de Magalhães, por essas pesquisas, constatou-se que 95% das úlceras de estômago e duodeno são

causadas pela bactéria. Os 5% restantes são ocasionadas por aspirinas e medicamento anti-inflamatórios.

"Sabe-se hoje que a infecção provocada pela *Helicobacter pylori* é a mais freqüente da raça humana. Para se ter uma idéia da gravidade da situação, mais da metade da população mundial está infectada. Em certas regiões da África e da América do Sul, o índice de infecção da população chega a 80%", afirma o médico.

Em 1994, a *Helicobacter pylori* foi considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um agente carcinogênico do tipo I, o mesmo tipo do cigarro. "Desde então, vários grupos de pesquisa estão trabalhando em todo o mundo para descobrir uma vacina contra a bactéria. Se a vacina for desenvolvida e a bactéria erradicada, acredita-se que o número de casos de câncer de estômago deva diminuir em mais de 60%", afirma Magalhães.

Cab's Grill quer fazer do seu dia um verdadeiro acontecimento



Almoço com buffet self-service: saladas, massas, acompanhamentos, carnes grelhadas do jeito que o cliente pedir, e sobremesas

Completo café da manhã: frutas, sucos, pães, frios, queijos, geléias, ovos com bacon. . .

Bolos, tortas, doces e pães variados: fabricação própria



Vista do lado da FEEC: grandes varandas e amplo estacionamento

Sucos, lanches, café expresso

Agora no Campus, ao lado da Faculdade de Engenharia Elétrica, uma casa de alimentação com a qualidade, o conforto e o atendimento que você merece.

CAB'S GRILL

SEGUNDA A SEXTA
DAS 6:30 ÀS 22 h.
SÁBADO ATÉ 16 h.
FONE 239-1155

Entrevista: Alfredo Bosi

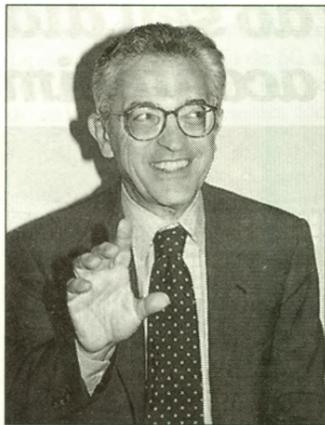
Depois do Grande Sertão

Antonio Roberto Fava

Autor de um clássico da historiografia literária, História Concisa da Literatura Brasileira, o ensaísta Alfredo Bosi é de opinião que, apesar de terem surgido obras notáveis nos últimos 40 anos, a ficção nacional não chegou a apresentar, desde então, nada comparável a Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, Bosi veio proferir uma conferência no 11º Congresso de Leitura do Brasil (Cole), realizado na Unicamp em julho último.

Jornal da Unicamp — Há pelo menos 30 anos a crítica literária fala em entressafra na literatura brasileira de ficção. O Senhor concorda com isso?

Alfredo Bosi — Julgo que em termos de ficção nada se escreveu nos últimos 40 anos de tanta importância, de tamanha grandeza, que se possa comparar à obra de Guimarães Rosa. *Grande Sertão* é uma obra-prima, seria obra-prima em qualquer literatura. A gente sabe que as obras-primas são sempre poucas. Seguindo um critério estritamente rigoroso, um critério de tudo ou nada, eu diria que a literatura brasileira nada apresentou de tão importante quanto a publicação de *Grande Sertão: Veredas*. Acontece que isso se deu em 1956, portanto já faz 41 anos, o que não significa que obras interessantes, vivas, não tenham sido publicadas. Surgiram dezenas e dezenas de romances interessantes, contos de valor. O problema é saber se se lê o que se publica. Saber se o público lê os livros que compra. É um problema que eu não sei resolver, mas suspeito que grande parte dos livros comprados não é lida. Mas, deixando



"Com *Lavoura Arcaica*, algo de novo aconteceu"

isso de lado, há obras notáveis. Por exemplo, um romance, o *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, publicado nos anos 70. Quando o livro saiu sentimos que algo de novo estava acontecendo, que uma boa tradição da escrita estava sendo retomada. Na verdade, o antecedente do *Lavoura Arcaica*, em termos de riqueza estilística, é a obra de Osman Lins, que faleceu há mais de 20 anos. Com isso quero pontuar que houve obras importantes. Muito recentemente, eu saudaria a estréia de um escritor sergipano, o Francisco Dantas. Escreveu dois romances que acho de primeira qualidade, regionalistas, mas ao mesmo tempo escrito com extremo cuidado de estilo. Refiro-me a *Coivara da Memória* e *Os Desvalidos*. Romances notáveis, que mostram que o veio regionalista da literatura brasi-

leira não está esgotado.

JU — O sr. é autor de um clássico da historiografia literária. Para uma próxima edição da *História Concisa da Literatura Brasileira* pensa em acrescentar uma análise das últimas décadas?

Bosi — Faz mais ou menos dois anos, se tanto, fiz uma reedição da *História Concisa* e pedi que fossem incluídos alguns novos comentários, parágrafos, pelo menos, que contemplassem a literatura brasileira dos anos 70 para cá. Creio que a partir da 33ª edição, já há textos novos, não muito extensos, porque a história, apesar de volumosa, pretende ser concisa. Elaborei um apanhado geral da literatura posterior aos anos 70, tanto na poesia como na prosa. O Francisco Dantas, por exemplo, está mencionado e devidamente apreciado. Se a *História Concisa* sobreviver ao segundo milênio, se ela chegar lá, estão espero fazer uma nova atualização.

JU — Isto quanto à prosa. E quanto à poesia?

Bosi — Em termos de poesia eu seria um pouco mais otimista. Minha opinião é que houve boa poesia, está havendo boa poesia nesse chamado "período de entressafra". Aliás é uma expressão que eu não usaria, porque verifico, por exemplo, que João Cabral de Mello Neto, poeta que veio dos anos 50, continua escrevendo até hoje. E nos 70 e 80 Cabral produziu obras extraordinárias. Se eu vejo um poeta como Ferreira Gullar, que continuou escrevendo nos anos 80 obras de valor, um poeta como José Paulo Paes, que escreveu e traduziu magnificamente, os poetas concretos, os ditos poetas marginais, todos eles continuaram a escrever. Um poeta muito bom do Maranhão, Mauro Machado, que escreveu mais de 15 livros de poemas. Então é claro que sempre temos em nossa mente os grandes nomes, como Drummond, Bandeira, Cecília Meireles. Cada época tem o seu grande poeta. Há

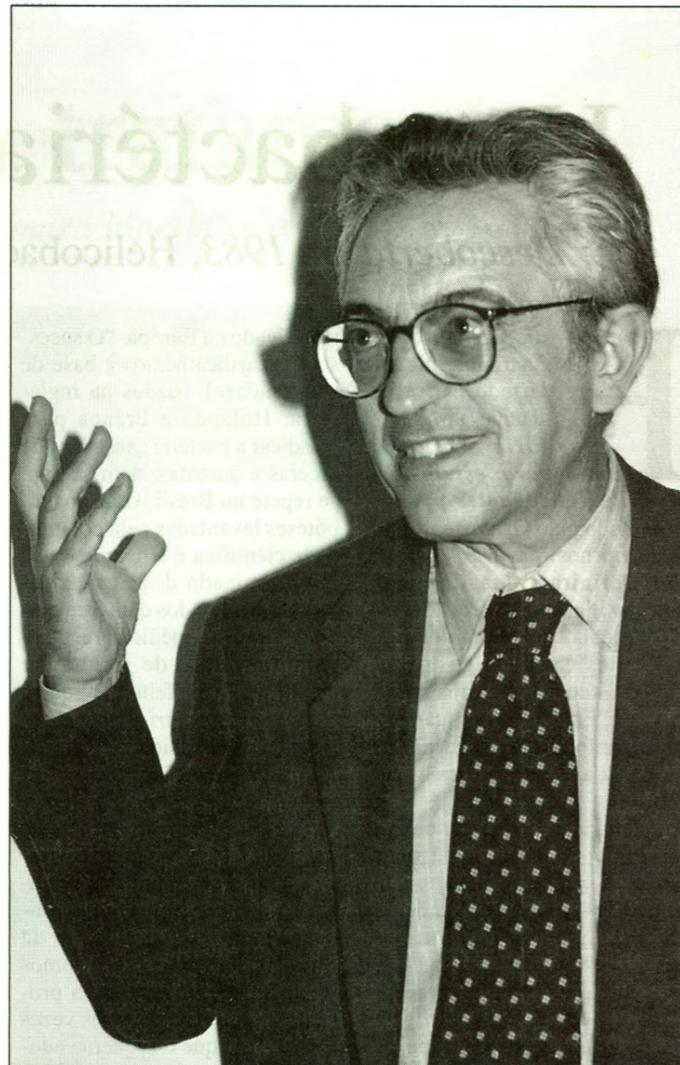
poetas que infelizmente morreram muito cedo. São quatro os que eu chamaria grandes poetas: Ana Cristina Cesar, que teve um fim trágico, que prometia ser uma poetisa de grande valor; um outro cujo pseudônimo era Cacaso, que também escrevia coisas extremamente interessantes; o próprio Torquato Neto, músico e poeta brilhante; e um outro nome que se impôs como uma espécie de precursor das vanguardas mais recentes, que é Paulo Leminski. Acontece que nenhum deles pôde dar a sua medida porque morreram cedo, mas o pouco que deixaram é brilhante. Nenhum deles chegou a mostrar tudo o que tinha dentro de si, como puderam fazer João Cabral, Mauro Machado ou mesmo Ferreira Gullar. E há também, Manuel de Barros, poeta realmente original, com uma visão peculiar do mundo sertanejo, da terra, que alguns chamam-no de Guimarães Rosa da poesia.

JU — Também a crítica literária parece ter refluído de algumas décadas para cá, confinando-se nas resenhas escritas por jornalistas. A que se deve esse fenômeno?

Bosi — Acredito que a hipótese verdadeira é essa: a crítica ainda existe, mas dentro das universidades, quase sempre em função do público universitário. Há uma separação entre a cidade e a universidade que não existia há 40 anos. Há 40 ou 50 anos os suplementos literários refletiam a atividade de intelectuais que eram franco-atiradores, que não estavam necessariamente presos à universidade ou dependentes dela. Mas quando a universidade institucionalizou-se, transformou-se nessa instituição que ela é hoje, atraiu todos os talentos, que passaram a escrever só em função de teses de mestrado, de doutorado e ensaios, cujo público é exclusivamente universitário. Com isso, desapareceu o tipo antigo do resenhista, aquele crítico de rodapé de jornais como foram Álvaro Lins, Oto Maria Carpeaux, Tristão de Atayde. Esse tipo de crítico que escrevia para jornal praticamente desapareceu.

JU — Em sua opinião, esse confinamento foi bom ou ruim para a literatura?

Bosi — Hoje a crítica universitária é muito refinada, por vezes até hermética. A resenha de jornal acabou se tornando



Q ensaísta Alfredo Bosi: "Obras-primas são sempre raras"

uma improvisação. O que há de negativo nisso é que os leitores de jornais ficam informados, através de opiniões, nem sempre bem fundadas, dos gostos e idiosincrasias de jornalistas em geral muito jovens. Então fica aquele vale-tudo: de um lado, pessoas que têm boa vontade, mas sem a experiência necessária para emitir juízo de valor sobre a obra de pessoas de peso; de outro lado, temos de admitir que a universidade de algum modo se fechou, porque seus estudos dificilmente chegam ao grande público. A tese, de um lado, muito fechada, e a resenha de outro, muito superficial, substituíram a grande crítica literária. Se você me perguntar se isso foi bom para o leitor médio, eu diria que não.

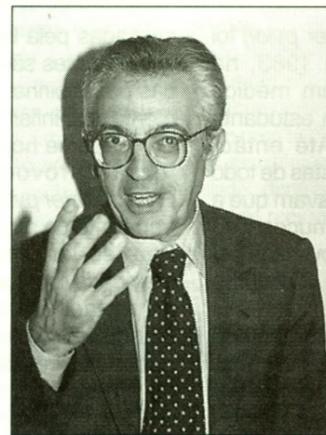
JU — A realidade industrial e a nova dinâmica do começo do século levaram ao aparecimento das vanguardas. O sr. acredita que os cenários deste final de século, com alterações evidentes no plano do tempo e da própria formação, vão exigir também um novo padrão de linguagem?

Bosi — É muito difícil a um professor de literatura responder a essa pergunta, porque a literatura é o domínio da escrita, a escrita sempre se codificou em livros. A criação de um novo meio, para mim, significa que aquilo que se escrevia em livros poderá ser hoje projetado numa tela e transmitido mais eficazmente, mais rapida-

mente, e chegar a milhares de pessoas. Vejo nos meios de comunicação modernos uma alteração quantitativa, há mais rapidez a um número de beneficiados ainda maior. O que não vislumbro é uma alteração profunda na própria linguagem de um texto ficcional. Digamos que um escritor daqui a dez anos escreva um romance, um livro de memória ou de costumes cuja linguagem seja assim substancialmente diversa daquela que ele escreve habitualmente. Eu não visualizo uma linguagem cuja estrutura básica seja diversa daquela que tradicionalmente se escreve. Pode ser que a necessidade de uma comunicação rápida torne os autores mais concisos. Vejo que

haverá alteração dos meios, mas não que vá haver alteração substancial da forma. Sei que desde o começo da era industrial criou-se, com o futurismo, uma poesia graficamente mais simples, palavras jogadas fora da sintaxe. O futurismo propôs isso em 1910. O concretismo retomou isso, em 1956. Então, ao longo

do século 20, houve tentativas de tornar a linguagem mais econômica, evitando-se a frase longa, mas junto com essas experiências, ditas de vanguardas, futuristas ou concretistas, continuou-se a escrever o verso, tal como vinha sendo feito há séculos, e deu-se continuidade à prosa. De modo que eu acho muito problemática a idéia de que vá haver uma mudança radical em termos de linguagem.

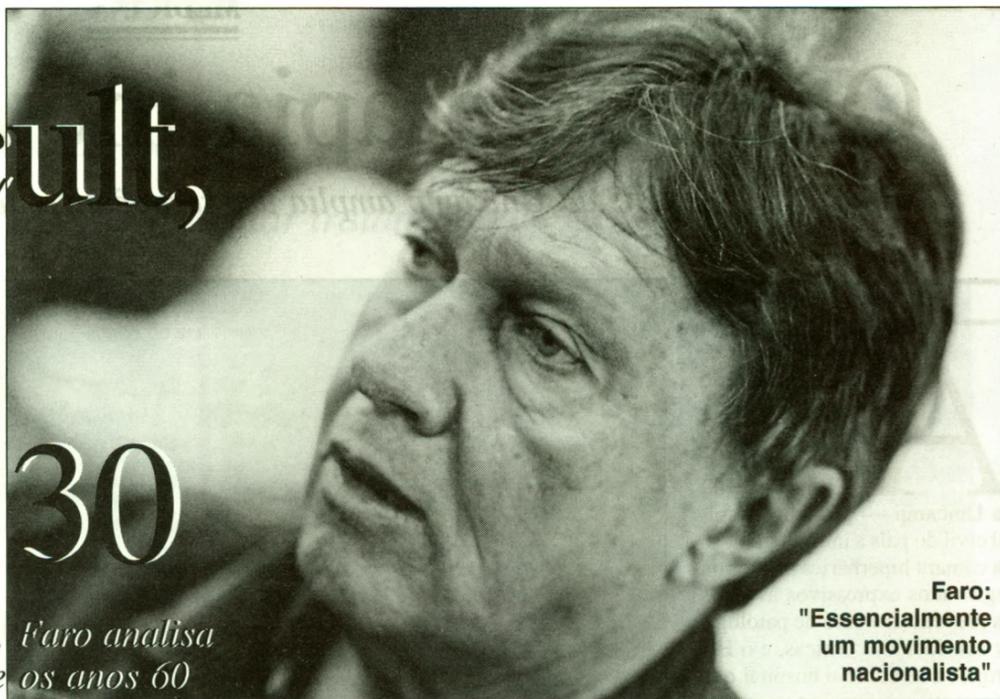


"A grande crítica deu lugar à tese e à resenha"

Entrevista: Fernando Faro

Popular e cult, a tropicália chega aos 30

Homem de TV e professor do Instituto de Artes, Faro analisa o maior movimento musical brasileiro desde os anos 60



Faro: "Essencialmente um movimento nacionalista"

Maristela Tesseroli Sano

Jornal da Unicamp — Quando chegaram a São Paulo, os compositores baianos como Gilberto Gil e Caetano Veloso traziam um novo estilo de música?

Fernando Faro — Não. Nos anos de 1963, 1964 e 1965, os integrantes do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) do Rio de Janeiro, fundado pelo Vianinha, pelo Carlinhos Lira e outros mais, tentaram resgatar uma música que fosse bem brasileira. O CPC trouxe então para o meio artístico algumas pessoas, como o Zé Ketí, o Néelson Cavaquinho e muitos outros músicos para valorizar a música de raiz. Quando Gil e Caetano vieram para São Paulo, eles tentavam se aproximar desse grupo, dessa música. Prova disso é que se você ouvir as primeiras músicas do Caetano como "O rio", "Avarandado" e "Domingo", você percebe que eram músicas pacatas, assim como as composições do Gil. Portanto, não havia nenhuma música baiana. Havia compositores baianos que tentavam se aproximar da música feita em São Paulo e no Rio.

JU — Por que, então, o tropicalismo foi mal aceito pela UNE?

Faro — O pessoal do "fino da bossa", da música brasileira mais tradicional e em voga, manifestava-se contra qualquer coisa importada. Naqueles anos, era muito simples, por exemplo, o diretor de uma emissora de TV ou de rádio ir para os Estados Unidos e voltar de lá com uma fita embaixo do braço, contendo músicas de lá. Isso era muito barato, não custava nada. Para se ter uma idéia, até o fotolito da capa dos discos vinha de outros países. De repente, os tropicalistas começaram com aquela onda de guitarra elétrica e o pessoal mais conservador ligou uma coisa à outra. Frequentemente ouvia-se um "não, guitarra não. Vamos fazer uma coisa mais brasileira". Foi esse o racha, a divisão. O pessoal da UNE achava que guitarra era coisa importada, era infiltração internacional e, portanto, não deveria entrar na música brasileira.

JU — E o senhor? Considera o tropicalismo um movimento nacionalista?

Faro — O tropicalismo era essencialmente um movimento nacionalista, que pegava as coisas nossas antigas e as relia. Adelino Moreira e Osvaldo Gouveia foram alguns dos nossos talentos revistos pelos tropicalistas.

JU — Como o senhor caracte-

"Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento, no sol de quase dezembro, eu vou..." Em setembro, 30 anos terão se passado desde que Caetano Veloso inaugurou, com os versos da canção "Alegria, alegria", o movimento tropicalista no Brasil. Além de revolucionar os conceitos musicais da época ao introduzir a guitarra elétrica na música popular brasileira mais requintada, o tropicalismo contribuiu para uma profunda mudança dos padrões culturais e artísticos ao final da década de 60.

Acompanhando de perto essas transformações estava o jovem Fernando Faro, na época diretor de um dos programas artísticos mais conceituados da TV Tupi, o *Móvil*. Sem forma definida, o *Móvil* abria espaço a qualquer tipo de manifestação artística, recebendo desde intelectuais como Décio Pignatari ou Augusto de Campos até atores como Lima Duarte e Gianfrancesco Guarnieri. Foi durante o programa, por exemplo, que em 1963 Faro deu a Gil e Caetano a primeira oportunidade de mostrarem seu talento num programa de televisão.

Quatro anos mais tarde, em setembro de 1967, no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, a apresentação de Caetano Veloso atraiu a atenção do diretor. Na TV Tupi, Fernando Faro propôs a criação de um programa apresentado pelo grupo de compositores baianos. A emissora acatou a idéia e, em outubro de 1967, colocava no ar a primeira edição de "Divino Maravilhoso", dirigido pelo próprio Faro e Antonio Abujamra.

Dividido atualmente entre a Unicamp, onde é professor da disciplina de História da Música Popular Brasileira, e a direção do Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo, Faro produz ainda o programa *Ensaio*, na TV Cultura. Foi ao final de uma aula no Instituto de Artes que Faro recebeu o Jornal da Unicamp para falar de sua convivência com as estrelas do tropicalismo e o 30º aniversário do movimento.



Caetano e o conjunto The Beat Boys interpretam *Alegria, Alegria*: nova linguagem

terizaria o tropicalismo?

Faro — O tropicalismo era uma mistura. Na tropicália, você ouvia os Beatles, você lia Joyce, Claude Levy-Strauss, enfim, você lia e ouvia o que quisesse. Na realidade, "comia" tudo aquilo que era de fora do país, deglutia e depois punha para fora.

JU — Ou seja, seguia-se a tendência do antropofagismo, proposto por Oswald de Andrade em 1926 e retomado na década de 60 por Augusto e Haroldo de Campos?

Faro — Exatamente. Foi por isso que o Augusto, o Haroldo e o Décio (Pignatari) adoraram essa proposta do tropicalismo. Nesse contexto, o fato de pegar a cultura estrangeira não era boa nem ruim. Eu pego de algum lugar e ponho

pra fora do meu jeito. E isso é uma coisa recorrente em toda a história da música brasileira. Veja o choro, por exemplo. Em 1870, o carioca Joaquim Callado reuniu em sua casa uma flauta, um violão, um cavaquinho, um ritmo e começou a tocar as modinhas, as polcas... e aquilo ficou brasileiro. Ele pegava a idéia européia e transformava num som, em fontes sonoras brasileiras. O resultado disso foi o nascimento do choro.

JU — A música dos tropicalistas tinha o intuito de chocar, de debochar ou agredir a sociedade, como sugeriram os militares quando prenderam o Gilberto Gil e o Caetano Veloso?

Faro — Não. Eu acho que a grande marca do tropicalismo foi a revisão musical. É a invenção

musical. Os anos 60 foram caracterizados por movimentos e atos de rebeldia. Veja, por exemplo, o movimento de maio, na França, e o festival de Woodstock. Muito mais que as músicas, o jeito deles se vestirem é que era agressivo. O pessoal do poder, na época, não gostava disso. Eles achavam uma aberração os compositores se vestirem com saias e cantarem o hino nacional. Consideravam aquilo um absurdo. Nesse sentido, então, eles agrediam, eles provocavam...

JU — Mas não nas letras das músicas?

Faro — Não, na música não. Não tinha tanta importância. O importante era a linguagem de um modo geral. A linguagem era a roupa, era o cabelo, era o batom, era o brinco. Senhoras da socieda-

de não suportavam aquilo. Isso era muito mais agressivo, muito mais subversivo do que, por exemplo, um discurso tradicional em que você usa a língua para contestar. Muito mais agressivo do que as músicas de protesto do Marcos Valle porque eram palavras organizadas como um político faria.

JU — Qual é a obra-prima da tropicália?

Faro — Eu acho fantástica a canção "Alegria, alegria" porque ela se identificava muito com a época, com o tempo, com o anseio de liberdade que havia no peito de cada um.

JU — Os takes soltos dessa canção têm alguma relação com a proposta de Glauber Rocha no filme *Terra em Transe*, que também usa essa linguagem sem formalismos estéticos?

Faro — Claro. O Caetano era apaixonado pelo *Terra em Transe*. Adorava o Glauber Rocha. E não é só isso. O próprio Caetano faz questão de dizer que "Alegria, alegria" é um rascunho, é uma música inacabada: "eu toco hoje, mas eu ainda estou fazendo a canção". Percebe? Ela não terminou de ser feita porque ela é a vida, ela é o mundo, é um cara andando na avenida, enfim, é uma música eterna.

JU — José Ramos Tinhorão, autor do livro *Pequena História da Música*, afirma que o tropicalismo foi um movimento sem ideologia, sem programa e musicalmente sem linguagem. O que o senhor acha dessa afirmação?

Faro — Olha, eu acho o Gil um dos maiores músicos do nosso tempo. Ao lado dele, talvez, esteja Milton Nascimento. Portanto, eu acredito que tudo aquilo que foi gravado por aquele pessoal do tropicalismo tem coberturas musicais, idéias musicais maravilhosas. Por que você acha, por exemplo, que Rogério Duprat ou Júlio Medaglia iriam se interessar? Porque é realmente alguma coisa que abre para mil horizontes. O tropicalismo, sem dúvida, tinha uma proposta musical.

JU — O movimento deixou vestígios na música brasileira contemporânea?

Faro — Claro que sim. Porque nada acontece e desaparece. As coisas acontecem e deixam rastros, deixam sinais, sempre. Se você rastrear o tempo vai chegar à música baiana de hoje, ao Arrigo Barnabé, ao Chico Science, a essa redescoberta do maracatu. Todas essas coisas se seguiram ao tropicalismo.

MEDICINA

Oxigenoterapia inova tratamento

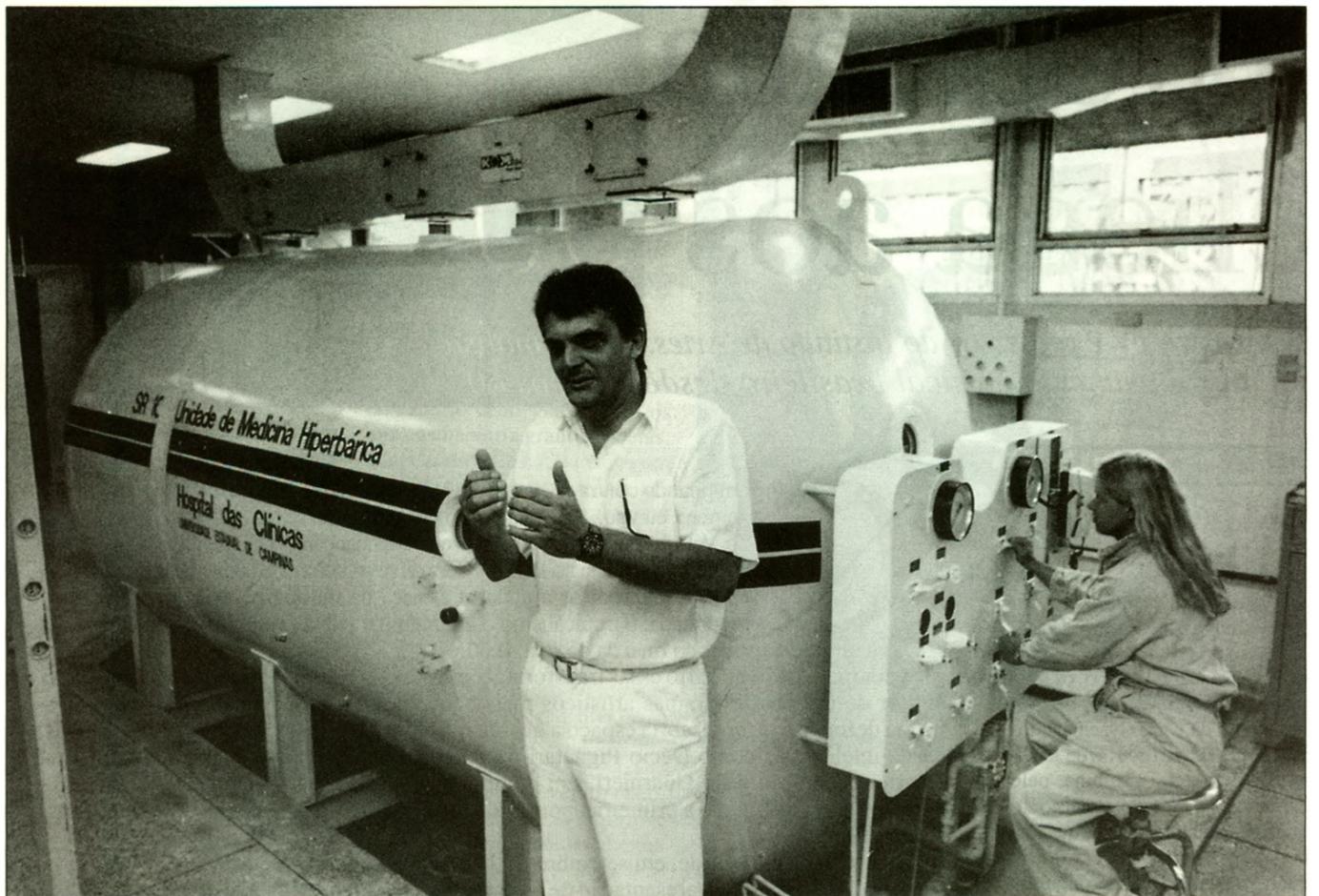
HC da Unicamp amplia uso terapêutico de câmara hiperbárica

Isabel Gardenal

Após oito anos de implantação do Serviço de Medicina Hiperbárica no Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp — primeiro hospital civil do país a introduzir o uso da câmara hiperbárica —, foram registrados expressivos avanços na prevenção e cura de patologias consideradas críticas, e o HC projetou-se como o hospital que apresenta menor custo no procedimento. Isso graças à sua câmara, denominada "multipaciente". Nela são introduzidos seis pacientes, todos com vestimentas apropriadas e respiradores de oxigênio, que adentram a câmara pressurizada e respiram 100% de oxigênio.

Essa técnica terapêutica, de respiração do ar sob pressão (de duas a três vezes maior que a normal), é conhecida como oxigenoterapia hiperbárica, cuja expansão começou a se dar na década de 60, quando foram publicados os primeiros trabalhos sobre o tratamento das infecções por bactérias anaeróbias (sensíveis ao oxigênio). Entre as décadas de 60 e 80, existiam umas poucas câmaras hiperbáricas em hospitais da Europa e dos Estados Unidos. Somente a partir da década de 80 a oxigenoterapia foi difundida de maneira sistemática. Atualmente, na América do Norte existem 320 centros hiperbáricos hospitalares.

Com a descoberta das propriedades terapêuticas do oxigênio e da eficácia na terapêutica de uma série de patologias, inicialmente o seu uso passou a ser indicado nas intoxicações por fumaça e monóxido de carbono, e nas queimaduras. Novas indicações foram descobertas. A oxigenoterapia estendeu os seus domínios, permitindo fechamento de feridas, delimitação de tecidos comprometidos para remoção cirúrgica e melhor resolução clínica. De concreto, esta terapia já colhe resultados em complicações provocadas por radioterapia ou quimioterapia, como as



Paulo Iazzetti: atendimento de qualidade e racionalização de custos com a câmara "multipaciente"

radionecroses de mandíbula em tumores de cabeça e pescoço.

Os pacientes que tiveram indicação desse tipo de terapia são submetidos a sessões diárias com duração de 60 a 90 minutos. Na Unicamp são atendidos cerca de 40 pacientes todo dia, somando uma média 80 a 90 tratamentos mensais. A oxigenoterapia não impõe nenhuma reação adversa significativa. É um procedimento relativamente fácil de se realizar e não causa dor ao paciente. A terapêutica se estende a todas as faixas etárias: já foram tratadas crianças com três meses e adultos com 94 anos. O seu uso tem contra-indicações nos casos de convulsões crônicas ou patologias pulmonares graves.

Áreas interligadas — O Serviço de Medicina Hiperbárica do

HC procura contextualizar a sua prática e, trabalhando de forma conjunta com outras equipes, interliga-se com as áreas de cirurgia do trauma, moléstias infecciosas, oncologia, proctologia, cirurgia vascular, endocrinologia e oftalmologia, como já vem ocorrendo. Nestes casos, as indicações para cura de patologias estendem-se a infecções por anaeróbios ou mistas, complicações isquêmicas por problemas vasculares e lesões resistentes ao tratamento convencional, propondo em seu lugar uma nova concepção de atendimento integrado.

No Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism) — área que também se interliga à Medicina Hiperbárica — se após a remoção de tumor vulvar ainda houver necessidade da re-

tirada de gânglios linfáticos próximos, esta cirurgia mostra um alto índice de abertura da ferida cirúrgica (deiscência). Não raro apresentam infecções associadas, com sérias complicações e com período de internação mais longo. Neste caso, tratando-as com oxigenoterapia já no primeiro dia pós-cirurgia, antes que a ferida abra, a deiscência é mínima, de melhor resolução e determina menor tempo de internação.

Para Paulo Eduardo Iazzetti, médico do Departamento de Cirurgia e coordenador do Serviço de Medicina Hiperbárica, como na Unicamp a tendência é aumentar o atendimento em virtude da crescente demanda, outra tendência é especializá-lo. Uma futura unidade de queimados deverá ter uma câmara hiperbárica exclusiva e os demais setores deverão estar equi-

padados para atender às intercorrências graves, que deveriam ser efetuadas imediatamente naquele local. Assim, por exemplo, seria garantido o atendimento através de uma câmara na UTI, para reanimação pós-parada cardiopulmonar ou aumento da pressão intracraniana.

Nos serviços especializados, dotados de moderna tecnologia, já estão sendo utilizadas as câmaras "dedicadas", que dispõem de prestação de serviço em tempo integral. Dentro de uma filosofia de melhor aproveitamento da terapêutica, favorecimento da relação custo-benefício e atendimento de maior número de pacientes, o Serviço converge para o cumprimento de uma aspiração objetiva, isto é, a assistência hospitalar de qualidade, dentro de um amplo padrão de racionalização de custos.

1 Banheira
2 Banco Itaú
3 Posto Taxaco
4 Galeria Tili Center
5 Locadora de vídeo
6 Casa de festas
7 Posto Esso

colégio OBJETIVO

EM FOCO, o Sistema Objetivo de Ensino

Os melhores professores

O melhor material didático

A melhor tecnologia educacional

Pré-escola, 1º e 2º graus

EM BARÃO GERALDO
RUA JOÃO PEDROSO, 265
FONE : 239.5822

PREPARANDO AS PEQUENAS CABEÇAS PARA O FUTURO

Almoço e Jantar às Margens do Lago.

Se qualidade, preço e melhores serviços não fossem determinantes, você escolheria o Lake House pelo conforto e "relax" junto à natureza. Mas o Lake não é só romantismo. Buffet com média de 20 opções de frios e saladas e mais de dez opções de pratos quentes, incluindo massas e churrasco. Deliciosas sobremesas. E após a refeição, um cafezinho estimulante.

Venha desfrutar destes privilégios!

ALMOÇO
POR QUILO,
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS,
ALMOÇO ESPECIAL

Lake House
Restaurante

JANTAR
SELF-SERVICE,
COM PREÇO
POR PESSOA,
ATÉ AS 22 h.

No Campus, junto ao lago, integrado ao Parque Ecológico.
TELEFONES: (019) 971-2164 e 971-6198

LINGÜÍSTICA

No universo do discurso esquizo

Pesquisadora mergulha na linguagem de pacientes de sanatório em Campinas

Ao iniciar o diálogo com um interno do hospital psiquiátrico Cândido Ferreira, localizado no distrito de Souza, em Campinas (SP), a lingüista Fernanda Duayer Picardi conta que buscava um sentido para o discurso do paciente. Em determinados momentos, tinha a ilusão de estar apreendendo o significado daquela linguagem sem lei, sem sujeito e sem limites do interlocutor. Porém, repentinamente, a frágil lógica e a linearidade da sintaxe era rompida e a pesquisadora, angustiada, procurava retomar a narrativa tentando amarrá-la numa unidade significativa.

L.C. (as iniciais do paciente) não apresentava qualquer problema orgânico. O diagnóstico de esquizofrenia só foi possível depois que os médicos analisaram sua produção lingüística. Para psiquiatras e lingüistas, a estrutura do discurso de L.C. apresenta déficits, erros e falhas de linguagem, diferindo radicalmente do que os especialistas chamam estrutura neurótica, aceita socioculturalmente como a linguagem normal. Esse discurso neurótico funciona para a psiquiatria como um modelo ideal a partir do qual são identificados os desvios ou deficiências da linguagem esquizofrênica.

Disposta a questionar o rótulo de "deficiente", dado à fala do esquizofrênico, a lingüista Fernanda Duayer Picardi elaborou a tese de mestrado "Linguagem e Esquizofrenia: na fronteira do sentido", orientada pela professora Nina Virgínia Leite, do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL).

Em seu trabalho, apoiada na teoria psicanalítica lacaniana e em entrevistas com pacientes do Cândido Ferreira, Fernanda comprova a existência de diferenças radicais entre a estruturação da linguagem neurótica e da linguagem esquizofrênica. "Ao reconhecer a existência dessas diferenças, a psicanálise nos alerta que as produções nas esquizofrenias podem ser tão legítimas quanto aquelas ditas normais, ainda que não consigamos compreendê-las", atesta Fernanda.

Linguagem da infância - Até hoje, os textos produzidos sobre a questão da linguagem na esquizofrenia analisaram somente a fala do paciente psicótico. Portanto, a incapacidade de compreender o discurso esquizofrênico nunca foi considerada um problema de quem ouvia mas sim daquele que falava.

"Em meu trabalho, procurei incluir o interlocutor na relação com a linguagem na esquizofrenia. Nessa relação, percebi que o discurso psicótico produz

efeitos diversos sobre nós. Por um lado, nos fascina ao mostrar-se como a linguagem de nossa infância, um puro jogo de significantes e, por outro, nos inquieta porque o não-sentido nos foi interdito quando aceitamos a linguagem neurótica como normal", explica a lingüista.

Para Fernanda, a diferença estrutural impede que neuróticos e psicóticos compartilhem os sentidos do discurso. Porém, isso não significa que por trás da aparente desestruturação inexistam outras formas de organização. "Como a estrutura psicótica não se organiza como a neurótica, não conseguimos acompanhar os estranhos caminhos deste dizer e não somos capazes de fazer um signo do que é dito. Entretanto, mesmo que não possamos recuperar os sentidos nesta fala, há sempre a possibilidade de reconhecer uma significação", atesta a lingüista.

Nome do pai — De acordo



Fernanda: diferenças entre a linguagem psicótica e esquizofrênica

com a psicanálise, a estrutura neurótica da linguagem referencia-se em um elemento central: o nome do pai, uma metáfora usada para simbolizar a ruptura da relação imaginária entre o sujeito e a mãe — significando aqui o mundo real. Para Jaques Lacan, ao entrar no domínio da linguagem, o ser humano separa-se do mundo real para habitar o simbólico, o imaginário. Afasta-se, portanto, da figura materna para referendar-se no símbolo paterno. Assim, utilizando a estrutura neurótica, duas pessoas conseguem dialogar porque ambas têm no nome do pai a

referência para o seu discurso.

Contrariamente à estrutura neurótica, não há um símbolo universal da psicose. Rejeitando o nome do pai, o psicótico fica condenado a falar apenas sua verdade, excluindo a possibilidade de comunicação e de estabelecimento de um elo social. "Tudo o que é dito pelo esquizofrênico parece reafirmar a ausência de leis na estrutura da linguagem. Trata-se de uma fala que flui como uma correnteza, deixando-nos à deriva, no seu fluxo sem obstáculos, sem tropeços, sem engasgos", conclui Fernanda. (M.T.S.)

VANGUARDA

Projeto leva teatro aos presídios

Especialista inglês destaca trabalho do Instituto de Artes da Unicamp

O processo dramático é um instrumento capaz de reabilitar presidiários através de atividades que abordam temas como cidadania e as experiências de vida dos presos, de forma a fazê-los entender a sua qualidade de cidadãos. É o que evidencia o trabalho introduzido há quatro anos no Brasil pelo professor Paul Heritage, da Universidade de Londres (Inglaterra), com base em projeto semelhante desenvolvido em seu país. Motivados pelo trabalho, professores e alunos do Instituto de Artes (IA) iniciaram projeto semelhante em unidades do complexo penitenciário de Campinas, com previsão de atender este ano 5.400 presos e realizar 800 oficinas culturais.

Em recente visita ao Brasil, onde acompanhou o desenvolvimento dos trabalhos, Heritage se mostrou entusiasmado com a repercussão do programa, que na Inglaterra não atende mais do que 200 presos em um ano de atividades. "Não conheço outro projeto de teatro que possua equipe de técnicos e professores acompanhando tantos presos como acontece na região de Campinas. Por ser um projeto mobilizado com forças sociais, acredito que outros profissionais se sentirão

atraídos pelo trabalho da equipe da Unicamp", avalia Heritage.

Executado com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, o trabalho envolve alunos e professores do Departamento de Artes Cênicas e Departamento de Medicina Preventiva e Social da Unicamp. Também participam da equipe profissionais do Theatre in Prisons and Probation Centre (Tipp Centre), ligado à Universidade de Manchester (Inglaterra); da Universidade de Londres, do Ministério da Saúde, da Secretaria de Cultura de São Paulo, bem como do Setor de Cultura da Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso (Funap), vinculada à Secretaria de Administração Penitenciária.

Novo comportamento — Aluno do Departamento de Artes Cênicas do IA, Felix Del Cid participa de várias atividades com os presidiários, sempre



Félix, Osmar, Verônica e o professor Heritage: projeto

acompanhadas de debates. Ele atesta que se percebe paulatinamente uma mudança comportamental entre os presos, a princípio quase imperceptível. "Com o tempo vemos claramente a socialização deles", diz Felix. O envolvimento com a população carcerária começa com apresentações de teatro, dança e música. O segundo passo consiste de jogos cênicos que permitem o intercâmbio e o contato mais direto entre o grupo e os presidiários. Finalmente acontecem as oficinas culturais com assuntos pertinentes aos presos, como doenças sexual-

mente transmissíveis e Aids. "A expectativa deles", diz Felix, "é sempre muito grande".

Docente do Departamento de Artes Cênicas, Verônica Fabrini participa da seleção dos espetáculos e dos temas a serem abordados durante os debates, ao lado da professora Joana Lopes,

do Departamento de Artes Corporais do IA. Ela explica que para assegurar a continuidade em cada intervenção é necessário que os assuntos estejam relacionados. Por exemplo, a maior parte das comédias apresentadas focaliza poder e sexo. "Ao observarmos a reação dos presos durante os espetáculos, percebemos como eles lidam com os assuntos e com isso temos o suporte para o trabalho das oficinas culturais. Tanto os jogos cênicos quanto as peças de teatro abordam comportamentos humanos que se repetem de forma parecida e assim o teatro se transforma em um instrumento

para que eles entendam sua cidadania", relata Verônica.

Complexo — Coordenador cultural da Funap, Osmar de Souza Araújo revela que o projeto, iniciado em 1995 no Presídio Ataliba Nogueira e que no mês passado foi introduzido na Casa de Detenção de Hortolândia, está previsto para ser realizado em praticamente todo o complexo penitenciário de Campinas (inclui ainda a penitenciárias I e II de Hortolândia). Pela falta de um espaço adequado, somente a Cadeia Pública do São Bernardo, em Campinas, ficará excluída do trabalho.

Executado através de convênio entre a Unicamp, Funap e Tipp Centre, o projeto de teatro nas prisões foi inicialmente introduzido na Penitenciária Federal de Brasília, em 1993, sendo realizado até hoje, num trabalho conjunto com a Universidade de Brasília. Na época foi um desafio para Heritage e um incentivo para que ele apresentasse a proposta em outros lugares, como no Rio de Janeiro. "Foi ótimo o projeto ter começado em Brasília e por dois motivos: a penitenciária é considerada modelo e o mundo olha para Brasília", conclui Heritage. (C.P.)

LIVROS

Editora lança seis obras na Bienal do Rio

Lançamentos contemplam as áreas de física, filosofia, literatura e educação física, e integram catálogo de 200 títulos à venda

Amarildo Carnicele

A Editora da Unicamp programou o lançamento de seis livros durante a Bienal do Rio de Janeiro que acontece de 13 a 24 de agosto no Riocentro. Contemplando as áreas de física, filosofia, literatura e de educação física, os lançamentos integram um pacote de cerca de 200 títulos que a editora estará expondo em seu stand de 20 metros quadrados instalado no pavilhão de entrada da feira.

Segundo o diretor da editora, professor Eduardo Guimarães, a participação na bienal visa expor a produção para o grande público. "Trata-se de um evento de porte no qual a Unicamp não poderia ficar de fora, ainda mais num momento em que nosso volume de vendas atual apresenta aumento de 20% em relação ao ano passado".

Eduardo afirma que apesar das dificuldades da economia brasileira e da consequente racionalização dos trabalhos a produção da editora continua estável, com a publicação anual de cerca de 50 títulos, entre lançamentos e reedições. "O aumento do nosso espaço no mercado editorial mostra que a abrangência de nossas publicações tem tido boa repercussão junto ao público leitor", afirma.

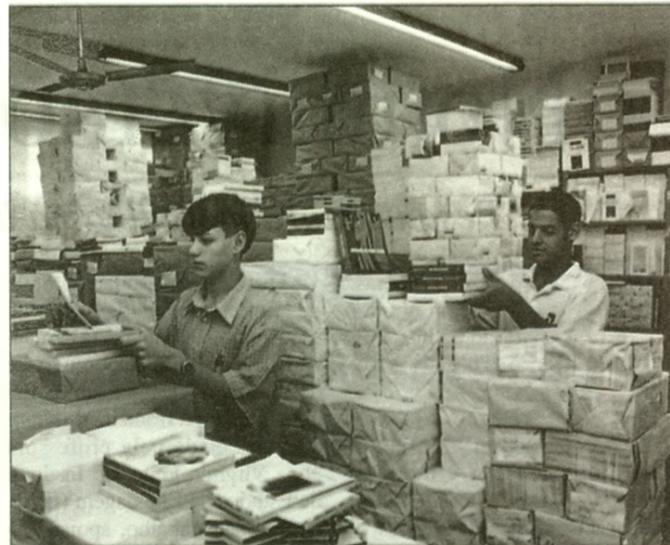
A seguir, os livros que serão lançados pela Editora da Unicamp na Bienal Internacional do Rio de Janeiro:

Não Quero Prosa, de Cacaso. Os ensaios contidos nesse livro — organizado pela professora Vilma Arêas, da Unicamp — provocam o leitor no sentido de que entre na dança dos juízos e no balanço crítico do pós-68, cenário lúgubre da ditadura militar. Poeta marginal, Cacaso rompeu com as barreiras puramente estéticas da poesia, utilizando a artimanha do traço muitas vezes caricatural ou infantil de seu de-

senho. A paixão ética e a polêmica se casam em seus textos ligados à política cultural e à responsabilidade social dos produtores de cultura. Além da publicação de vários livros de poesia, Cacaso se destacou como letrista de música popular ao fazer parceria com Toquinho, Francis Hime, Edu Lobo, entre outros.

O "Uruguai" e a Fundação da Literatura Brasileira, de Vania Pinheiro Chaves. A autora analisa o poema de Basílio da Gama investigando porque tantos críticos são refratários a esta obra. O estudo nasce a partir de pontos de vista bastante discrepantes, abrindo caminho para o reposicionamento da obra basiliense na literatura brasileira.

Os Objetos Frágeis, de Pierre-Gilles de Gennes. O livro nasceu de uma série de aproximadamente 150 encontros entre Pierre-Gilles de Gennes e estudantes secundaristas e professores sobre inovação, educação e as escolhas do futuro, como na-



Funcionários empacotam livros que serão expostos no Rio

talidade, decisão entre petróleo e energia nuclear e uso das descobertas recentes. O autor recebeu o Prêmio Nobel em Física em 1991 por suas descobertas sobre ordenamento de moléculas em substâncias como cristais líquidos, supercondutores e polímeros.

Cultura — Educação Física e Futebol, de Jocimar Daolio. O livro aborda os temas educação física e futebol centrados na antropologia social. Professor da Faculdade de Educação Física da Unicamp, o autor procura trabalhar o conceito de cultura, vendo as manifestações humanas como expressões culturais.

Desenvolvimento da Consciência Corporal — Uma Experiência da Educação Física na Idade Pré-Escolar, de José Pe-

reira Melo. O estudo apresenta a integração entre psicologia e educação física para crianças em idade pré-escolar e de primeiro grau. Avalia o grau de desenvolvimento das crianças no âmbito do conhecimento do próprio corpo utilizando práticas e recursos da educação física. O autor busca enquadrar a educação física como componente da alfabetização por meio de atividades lúdicas.

Labirintos da Alma — Nietzsche e a Auto-supressão da Moral, de Oswaldo Giacoia Jr. O livro é a compilação de diversos textos do autor, tendo *O Anticristo* como cerne de toda a análise. Os ensaios pretendem dar forma e corpo a essa obra que consumou a definitiva reputação da moral cristã.

REVISTAS

Tese enfoca imprensa libertina

Duas publicações escandalizaram o Rio de Janeiro no começo do século

Publicações de gênero alegre, com suas matérias e fotografias escandalosas, anedotas infames e microcontos irônicos e pretensamente picantes, durante muito tempo as revistas *Sans Dessous* e *O Rio Nu* deram muita dor de cabeça a políticos e à sociedade carioca dita séria do começo do século. Avulsos ou por assinatura, os exemplares eram largamente comercializados no interior dos bondes, pendurados nos salões de engraxates, nas barbearias e charutarias. Diferentes dos demais órgãos de imprensa da época do Rio de Janeiro, as publicações privilegiavam assuntos corriqueiros, fofocas e mexericos das ruas bares e cafés, e exploravam temas que estimulavam a imaginação sexual do leitor. Até os anúncios de produtos tinham conotação sexual explícita.

Durante dois anos a historiadora Cristiana Schettini Pereira investigou detidamente as duas publicações, "com a finalidade de descobrir e entender os conflitos que havia em torno dos limites de moralidade da sociedade da época". Cristiana é autora da dissertação de tese "Um gênero alegre: Imprensa e pornografia no Rio de Janeiro

(1898-1916)", apresentada ao Departamento de História do IFCH da Unicamp.

O foco de conflitos — ou fonte de informações de ambos os jornais — eram as ruas centrais onde se concentravam os principais teatros, os bordéis localizados nos bairros aristocráticos do Rio; onde circulavam, lado a lado, prostitutas, deputados e senadores, partilhando da mesma calçada com uma "cocotte de baixa esfera, o elegante caminhando junto com o vagabundo, com rico e o pobre". *O Rio Nu*, que começou em 1898, teve uma duração de 18 anos, até 1916. Já o *Sans Dessous* (literalmente "sem roupa de baixo"), durou apenas um ano — de 1909 a 1910. Tanto um quanto outro primavam por uma linguagem maliciosa e por tiradas de bom humor. "E revelavam, através do cruzamento de identidades sociais e de gênero na construção dos personagens, uma certa visão das relações na sociedade carioca", explica Cristiana.

O Rio Nu, que fazia um humor cáustico e corrosivo para a época, era farto em ilustrações, principalmente de mulheres com pouca roupa ou totalmente nuas. Muitas vezes es-

sas mulheres ocupavam a primeira, a última, e as duas páginas centrais do periódico, acompanhadas de textos ou piadas de duplo sentido.

Figuras políticas — Quando foi proibido, em 1910, as seções mais apreciadas pelo público eram "Nas Zonas", "Língua de Prata" (pseudônimo de um cronista) em que apareciam fofocas e escândalos das zonas de prostituição. Havia ainda "Nua e Crua", crônica semanal, e "Avenida Central", em que Vagabundo, um personagem narrador, contava suas peripécias, criticando e ridicularizando altas figuras da política (deputados e senadores) e os transeuntes das elegantes avenidas.

No entanto, *O Rio Nu* não era o único periódico com a mesma linha editorial. Apresentava-se como um jornal elitista, dirigido a um público considerado elegante. "O jornal procurava manter um humor mais fino, elegante, ao mesmo tempo irreverente e atrevido", acentua a pesquisadora. O *Sans* apareceu em 1909 e, como seu concorrente, também apresentava uma linha humorística com conotações sexuais; o assunto preferido era sobre as mundanas da alta sociedade ca-



Cristiana Pereira: cruzamento de identidades sociais

rioca e seus principais frequentadores: políticos e homens "sérios". Ao lado de ilustrações como as do *Rio Nu*, o *Sans* trazia inovação nas fotografias, "que mostravam prostitutas passeando pelas avenidas, no melhor estilo das senhoras de sociedade".

Acontece que essas mesmas prostitutas podiam ser encontradas em fotos ainda mais ousadas e insinuantes e, no carna-

val, posavam de maneira escandalosa e comprometedoras ao lado de homens respeitáveis, nem sempre convenientemente mascarados. De acordo com Cristiana, a repressão policial "era feita com certa regularidade, mas raramente as publicações eram apreendidas. Em 1910 ambos os jornais tiveram a circulação suspensa pelo diretor dos correios por considerá-los periódicos obscenos. (A.R.F.)

Quer ganhar o Mundo de presente?

estude idiomas na EURPEO

mantemos convênio com a ADUNICAMP

Dr. Emílio Ribas
Nº 1037-Cambuí
Campinas/SP

EURPEO

Fone / Fax :
(019) 251.3252

Roteiro de Oportunidades

NOVA CAB'S GRILL

Do completo café da manhã ao lanche da tarde, passando pelo delicioso almoço com buffet de saladas, massas, carnes grelhadas e sobremesas, Cab's Grill tem tudo pra fazer do seu dia um verdadeiro acontecimento.

CAMPUS, ao lado da Engenharia Elétrica

Motta dá um empurrãozinho pra você segurar o carro.

Motta Seguros tem os melhores preços e planos. Não custa nada consultar. Afinal, a vantagem é toda sua.

MOTTA SEGUROS Orçamento com as melhores companhias do mercado
Fone/Fax (019) 239-4897

27 anos de habilitação profissional
AUTOMÓVEL RESIDÊNCIA EMPRESA VIDA SAÚDE CONDOMÍNIO
Galeria Flamboyant, loja 12 - Barão Geraldo

ENY PRESENTES & NOVIDADES

R. Dr. José Anderson 644
Quiosque em frente do Banco Real
Cidade Universitária

BLOCOS de concreto

Fale com a **CIMBAC**
Av. Santa Isabel 737
Barão Geraldo
(019) 239-3876

Fotos p/ documentos em 5 minutos
Revelação Kodak Filmes

FOTOCAMP
R. Dr. José Anderson 435-A
(ao lado do Banco Real)
Fone (019) 239-0991

Pizza Fiori Av. Santa Isabel 401
Fone 239-3514

É só ligar ou vir ao nosso salão.

Férias com Promoção (10 tipos) R\$ 9,90

Valise Jde Cronópio SEBO & BRECHÓ

- Móveis e Teares mineiros em 3x ou 5% desc. à vista
- Livros Universitários e CD's em 2x ou 10% desc. à vista
- Calças a partir de R\$ 3,00
Blazers a partir de R\$ 5,00

Av. Santa Isabel 246
Barão Geraldo
Fone 239-0028

Moda Feminina - Masculina Íntima - Calçados

Tudo em 3x.
Av. Roxo Moreira 1790
Cidade Universitária
Ao lado da Reitoria
Tel. (019) 239-0999

loja Fiscop

MODA TOTAL

Já estamos com as tendências da nova estação. Apareça!

La Villette

GALERIA FLAMBOYANT
piso térreo
Fone (019) 239-0091
Barão Geraldo

Serviço Completo ou Venda a Varejo

Orçamento sem compromisso Ligue para (019) 239-0404

Mais qualidade em toda a variedade de carnes para tornar o seu churrasco mais gostoso.

ESPETINHOS CAMPINAS

R. Maria Ferreira Antunes 133 (cruza a estrada da Rhodia na altura do nº 2.000)

COMEMORAÇÕES - FORMATURAS - CASAMENTOS

ALUGO

Direto com o proprietário. Casas com 1, 2 ou 3 dormitórios em Barão Geraldo, a partir de R\$ 330,00 por mês.

Tratar fone (019) 972-3501

BUFFET UNIÃO 18 anos de Tradição

Salão Próprio, para até 2.000 pessoas

Orçamentos: (019) 231-5956 - 231-7815

Salão para Colação ou serviço completo em jantar ou coquetel de casamento, formatura, etc.
CONVITE, BECAS, FLORES, CANUDOS, SOM, FOTOS, FILMAGENS
Rua Abolição 1.580 - Ponte Preta - Campinas - Próx. ao Hiperm. Extra

Galeria Flamboyant Loja 16

Wrangler é na MONTA É

Fone (019) 239-9684
Av. Albino J. B. Oliveira 830
Barão Geraldo

Fiscop Cooperativa de Cestas de Alimentos

CESTA BÁSICA

Convênio S.A.S. para desconto em folha, ou cheque pré

- CESTA BÁSICA DE ALIMENTOS
- KITS DE ALIMENTOS (ex.: frios, legumes)
- KIT HIGIENE PESSOAL
- KIT LIMPEZA

ou venda avulsa

Informações, encomendas ou entrega, fone 239-1533
R. Dr. José Anderson, 435
AO LADO DO BANCO REAL

Prato Bello

Self Service por quilo: Almoço, Tortas, Sorvete

Salgados para festas

Servimos Coffee Break no seu evento

R. Roxo Moreira 1830 Cidade Universitária
A 50 m da Reitoria Fone (019) 239-0084

INFORMATICA CARUSO TecNisys

PENTIUM 133 MHZ 1.230,00

PENTIUM 200 MHZ 1.410,00

FAX MODEN 56000 250,00

Foto Ilustrativa

Loja 1 - R. Luíza de Gusmão 477
V. Nogueira - Campinas - Fone: (019) 255-1170
Loja 2 - Av. Dr. Romeu Tórtima 413
Barão Geraldo - Campinas
Telefax: (019) 239-2734

Camp Chaves Cópias de todos os modelos

CHAVEIRO

24 HORAS
Fone 239-0892
Rua Dr. José Anderson 435 - Próx. ao HC

Imobiliária Cidade Universitária

LOCAÇÃO - VENDAS - ADMINISTRAÇÃO

Av. Dr. Romeu Tórtima 624 - Telefax: 239-3322
Cidade Universitária - Barão Geraldo - Campinas

CONVÊNIO UNICAMP

Você entrega/retira os filmes no STU às 2as., 4as. e 6as.
Revelação com qualidade e cores profissionais, sem pagar mais por isso: filme 12 - R\$ 4,75; 24 - R\$ 8,59; 36 - R\$ 12,43.

FOTO FERRARI

Conheça nossas lojas no Convívio e Shopping Unimart. Excelentes promoções e facilidades de pagamento. Os melhores produtos e a Revelação 1 Hora

Fone (019) 231-5877

Kodak EXPRESS

CINEMA

Atlântida tem sua história contada

Tese aborda a menos estudada das três grandes companhias nacionais

Célia Pigliane

As companhias cinematográficas brasileiras Vera Cruz, de tendência européia, e a hollywoodiana Cinédia têm sido objeto de frequentes pesquisas acadêmicas, mas pouco se investiga sobre a Atlântida, que se caracterizou por utilizar o carnaval como linguagem de seus filmes e popularizou as chanchadas. Atráda pelo estilo dessa empresa, que em 20 anos de existência produziu 74 longas metragens de ficção, sem que estejam contabilizados documentários e outros tipos de filmes, a jornalista e cientista social Mônica Rugai Bastos apresentou recentemente seu trabalho de mestrado "Tristezas não pagam dívidas: um estudo sobre a Atlântida Cinematográfica S/A".

Desenvolvido junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), o trabalho teve orientação do professor Renato Ortiz e apresenta pela primeira vez a filmografia da empresa, incluindo também um estudo crítico de seus principais filmes. Sua abordagem, no entanto, foi além da história da empresa, pois Mônica focaliza a política de cultura no país entre 1942 e 1962, período de existência da Atlântida. Já em 1928 o cinema era legalmente tido como um veículo de divulgação de aspectos cul-



Mônica Bastos: pesquisa sobre a Atlântida e personagens consagrados, como Oscarito (destaque)

turais brasileiros, mas foi a partir de 1937, com o governo de Getúlio Vargas e seu projeto de integração nacional, que o cinema passou a ser realmente utilizado, junto com o rádio, para divulgar idéias e informações a um povo analfabeto em quase sua totalidade.

"A Atlântida e a Cinédia, hoje produtora de propagandas publicitárias, tiveram importante papel ao mostrar o que é o Brasil e essa situação foi mantida até metade da década de 60, quando a televisão surge com força enquanto divulgadora de idéias", comenta Mônica. A existência das produtoras de cinema naquele período da história do país teve relação com a política

cultural da época, atesta a pesquisadora, focalizando como principais aspectos a efervescência cultural em torno dos debates sobre a formação nacional e o que socialmente caracterizava o Brasil e que era mostrado nos filmes.

Falência — Apesar de críticos e historiadores dizerem que havia restrições ao cinema, era comum o governo encomendar documentários dessas empresas e financiar produções de filmes de cunho educativo, diz Mônica. O surgimento da televisão também mudou essa peculiaridade, devido ao surgimento de produções mais baratas. "A própria Atlântida deixou

de existir porque sua produção foi absorvida pela televisão com a chanchada modificada. Associado a isso houve a partir de 1955 o nascimento do Cinema Novo, levando à decadência e à falência do gênero chanchada". O staff da

Atlântida (Carlos Manga, José Carlos Burle, Moacyr Fenelon e Watson Macedo) foi absorvido por diferentes emissoras.

Fundada em 1941 e tendo em sua linha de frente o ator Grande Otelo, a Atlântida começou efetivamente a produzir filmes no ano seguinte. Sua produção era diversificada, com temas históricos e futebol. As chanchadas, que a caracterizaram, começaram a ser produzidas mais tarde. O ano era 1947 e o fato que marcou a transição da companhia cinematográfica foi a mudança de sua estrutura societária. Saía o principal acionista, conde Pereira Carneiro um dos donos do *Jornal do Brasil* na época, permaneciam os irmãos Paulo e José Carlos Burle e entrava Severiano Ribeiro. Produtor e distribuidor de filmes, era dono de salas e assim fechou o circuito de produção, distribuição e exibição no cinema.

"A nova sociedade mudava totalmente a estrutura empresarial

da Atlântida, agregando novos talentos ao seu elenco consagrado. A partir daquele ano a dupla Oscarito e Grande Otelo estava à frente das produções, que contavam com Eliana Macedo (também já falecida), Anselmo Duarte, Adelaide Chiozzo e Cyll Farney. Os filmes *Tristezas não pagam dívidas* e *Não adianta chorar* foram um prenúncio dessa nova fase. Sempre lançados em dezembro e janeiro, os filmes passam a focalizar o carnaval e, paralelamente ao rádio, principal meio de comunicação da época, lançavam as marchas carnavalescas do ano seguinte", relata Mônica. As trilhas sonoras da Atlântida, de primeira linha, contavam com o requinte de Lamartine Babo, Braguinha (João de Barro) e outros cantores do rádio que tinham seus números musicais encaixados nos filmes.

Nesse trabalho Mônica realizou várias pesquisas no Rio de Janeiro: consultou revistas de cinema na Biblioteca Nacional, buscou a legislação da época no Arquivo Nacional e no Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas. Para suas análises ela reproduziu 14 filmes inteiros e trechos de 50 outros filmes. "Infelizmente o material encontra-se em péssimo estado de conservação. Alguns, no entanto, já foram recuperados pela Cinemateca Brasileira e pelas tevês educativas", finaliza a jornalista.

ARTE

Cem anos de vitralismo brasileiro

Artista rastreia história familiar da Casa Conrado de 1889 a 1992

A história do vitralismo brasileiro não pode ser contada sem uma outra, a dos descendentes alemães Sorgenicht. Durante quase um século, três gerações da família estiveram à frente da Casa Conrado, especializada na confecção de vitrais. Instituições de ensino, igrejas, hospitais, prédios públicos e particulares espalhados por todo o Brasil guardam ainda a beleza e o colorido das mais de 600 obras produzidas pelo ateliê, o mais importante do país.

De 1889 a 1992, Conrado Sorgenicht, Conrado Sorgenicht Filho e Conrado Adalberto Sorgenicht sucederam-se no comando da empresa. Períodos áureos e etapas marcadas por sérias dificuldades alternaram-se durante os 103 anos em que a Casa Conrado esteve sob a direção obstinada e o talento artístico dos Sorgenicht.

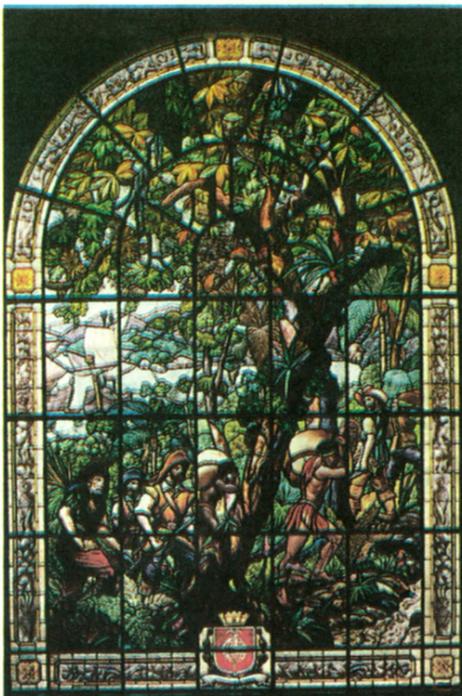
Determinada a resgatar a história do ateliê e da família Sorgenicht, a designer Regina Lara Silveira Mello elaborou a dissertação de mestrado "Casa Conrado: cem anos do vitral brasileiro", orientada pelo professor José Roberto Teixeira Leite, do Instituto de Artes (IA) da Unicamp.

Mais do que a curiosidade artística, Regina Lara tinha outra

motivação. Em seu ateliê, entre diversas atividades, a artista realiza também trabalhos de restauração e confecção de vitrais. A facilidade com que manuseia os pequenos vidros coloridos é atribuída pela própria Regina a um dom de família, provavelmente herdado do tataravô Conrado Sorgenicht.

Iniciativa pioneira - Fugindo da guerra franco-prussiana, o artesão Conrado Sorgenicht chegou ao Brasil em 1874 trazendo a mulher e quatro filhos. Pouco tempo depois, abriu uma pequena oficina oferecendo serviços de pintura de ornamentos, tapeçaria e dedicando-se à colocação de vidros. Com o passar dos anos, a clientela aumentou e a cidade de São Paulo cresceu. Estimulado, o artesão inaugurou em 1889, na rua do Triunfo, bairro do Belenzinho, o primeiro ateliê especializado na confecção de vitrais.

Preocupado em manter a qualidade do trabalho artístico da Casa Conrado, em 1890 Conrado Sorgenicht enviou seu filho à Itália para estudar pintura e desenho ornamental. Quando retornou ao Brasil, Conrado Filho trouxe muitas idéias e, ao lado do pai, começou a produzir obras grandiosas



Vitrail instalado na Sabesp



Regina: dom de família

não só em São Paulo como também em várias cidades do interior.

De 1920 a 1935, o ateliê conheceu seu primeiro período áureo. Datam dessa época os vitrais encomendados para o Palácio das Indústrias, Mercado Municipal, Faculdade de Direito do Largo São Francisco e Parque da Água Branca, todos localizados na capital paulista. Os famosos vitrais que ornamentam o prédio da Bolsa do Café e o da Sabesp, ambos localizados em Santos (SP), também foram produzidos nesse período.

"Porém, em 1942, a empresa enfrentou a primeira crise. Com a dificuldade em importar vidros coloridos, a família Sorgenicht decidiu vender o ateliê, que foi incorporado à Companhia Brasileira de Vidros. Nessa época, meu avô, Conrado Adalberto, já havia assumido a direção da empresa", relata Regina Lara.

Persistência na crise — Inconformado com a venda, Conrado Adalberto abriu um novo ateliê. A Vitrais Conrado Sorgenicht S/A funcionou até 1965 e, nesse período, a empresa viveu seu segundo período áureo. Além de inúmeras obras sacras

encomendadas por igrejas de todo o Brasil, Conrado assumiu o trabalho a ser realizado no Hospital Beneficência Portuguesa. "Foi um enorme desafio técnico. Baseando-se na obra do pintor português Nuno Gonçalves, o ateliê produziu vitrais enormes. As figuras nele contidas eram em tamanho natural e, em alguns casos, até maiores", conta a neta do artista.

Uma nova crise obrigou Conrado Adalberto a fechar o estúdio em 1965. Persistente, ele decidiu reabri-lo em 1966, com o nome de Colorlux. Dificuldades financeiras levaram-no a encerrar mais uma vez suas atividades. Porém, meses mais tarde, São Paulo veria reaberto o ateliê Conrado Vitrais e Cristais. Trabalhos em igrejas e várias restaurações de obras realizadas pela própria Casa Conrado marcaram essa fase. Conrado Adalberto trabalhou até 1992 quando, já bastante idoso e doente, decidiu passar o negócio.

No entanto, pelo pioneirismo, qualidade e quantidade de obras produzidas, a Casa Conrado continua sendo o principal ícone do vitralismo brasileiro. Entre as 600 obras produzidas pelo ateliê, algumas estão em Campinas (SP). Na catedral Nossa Senhora da Conceição, por exemplo, na porta de entrada, é possível observar um vitral que ostenta, em estilo *art nouveau*, a assinatura *Casa Conrado - S. Paulo. (M.T.S.)*